

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DAS COMUNIDADES CIGANA E NÃO-CIGANA

IMPLICAÇÕES PARA A INTEGRAÇÃO SOCIAL

Ernesto Paulo Fonseca
José Mendes Marques
Jorge Quintas
Gabrielle Poeschl



acime

Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, INOVAÇÃO E ENSINO SUPERIOR

Biblioteca Nacional- Catalogação na Publicação
Representações sociais das comunidades cigana e não-cigana - implicações para a integração social
/ Ernesto Paulo Fonseca...[et al.].
(Olhares:3)
ISBN 989-8000-03-1
I- Fonseca, Ernesto Paulo
CDU 397
316

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Representações sociais das comunidades cigana e não-cigana
implicações para a integração social

AUTORES

Ernesto Paulo Fonseca
José Mendes Marques
Jorge Quintas
Gabrielle Poeschl

EDITOR

Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas
Praça Carlos Alberto, 71, 4050-440 Porto
Tel.: 222 046 110 Fax: 222 046 119
e-mail: acime@acime.gov.pt
Rua Álvaro Coutinho, 14, 1050-025 Lisboa
Tel.: 218 106 100 Fax: 218 106 117
e-mail: acime@acime.gov.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Helena Valente
CAPA

Jorge Vicente

FOTOGRAFIA DE CAPA

Jorge Firmino

IMPRESSÃO

Textype Artes Gráficas, LDA.

Primeira edição

Maio 2005

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

989-8000-03-1

Depósito legal

227360/05

Índice

Introdução	6
Estudo 1	10
Método	11
Amostra	11
Procedimento	11
Análise dos dados	11
Resultados	13
1 - Descrição geral dos campos semânticos	13
2 - Comparações entre campos semânticos.	14
3 - Conteúdo dos campos semânticos	15
Estudo 2	20
Método	21
Amostra	21
Procedimento	21
Análise de dados	21
Resultados	22
1 - União: Incondicional ou Instrumental	22
2 - Violência: Interpessoal ou Produto das Relações Sociais	25
3 - Trabalho: Utilitarismo Material ou (In)Satisfação Pessoal	27
4 - Racismo: Forma de Expressão ou Condição de Vida	29
Estudo 3	32
Método	33
Amostra	33
Procedimento	33
Resultados	36
1 - Avaliação do Comportamento	36
2 - Avaliação do Protagonista	38
3 - Explicação Causal	39
Conclusão	41

Estudo 4	42
Método	44
Amostra	44
Procedimento	44
Questionário	44
Variáveis Independentes	45
Variáveis Dependentes	46
Resultados	49
Estudo 4.1: Competências Escolares	49
1 - Nível de Competências Escolares.	49
2 - Competências Pessoais	50
3 - Características Pessoais	52
4 - Não-Respostas por Insuficiência de Informação	53
5 - Nível de Desempenho	54
6 - Apoio	56
7 - Verificação da Manipulação Experimental	57
8 - Suspeição	58
Estudo 4.2: Competências Profissionais	59
1 - Nível de Competências	59
2 - Competências Pessoais	61
3 - Características Pessoais	62
4 - Não-Respostas por Ausência de Informação	62
5 - Nível de Desempenho	63
6 - Apoio	64
7 - Verificação da Manipulação Experimental	65
8 - Suspeição	65
Conclusão	66
Conclusões	68
Bibliografia	70

Nota de Abertura

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS COMUNIDADES CIGANA E NÃO-CIGANA: IMPLICAÇÕES PARA A INTEGRAÇÃO SOCIAL.

Os quatro estudos complementares agora editados sob o título em epígrafe, da autoria de Ernesto Paulo Fonseca, José Mendes Marques, Jorge Quintas, Gabrielle Poeschl, que constituem um projecto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, são de grande importância e actualidade.

A comunidade cigana, espalhada por todo o território, constitui a única minoria étnica (não em sentido jurídico) que se assume como tal e simultaneamente, como portuguesa. Presente em Portugal há 5 séculos, interagindo com a comunidade maioritária ao longo do tempo e até hoje, a legítima salvaguarda dos seus valores próprios e identitários, não tem sido fácil, num processo de integração intercultural, respeitador das diferenças que desejamos genuíno.

As representações sociais mútuas, da comunidade cigana e da comunidade portuguesa, como estes estudos conjuntos mostram, estão, de parte a parte, eivadas de desconhecimento, preconceito e exclusão.

Embora, certamente, existam “culpas”, por acção e omissão, de uma parte e de outra, não creio que haja interesse em atribuí-las... Importante é conhecer os factos e a sua representação e a partir dessa realidade incontestável, para um lado e para o outro, procurar “lançar pontes” de conhecimento, de relação e de empatia...

Não me parece que esta tarefa seja fácil e que em breve espaço de tempo se possam ver grandes resultados concretos. Isso é mais uma razão não para desistir ou desanimar, mas para ousar e começar...Com tacto, com ousadia, com continuidade.

Estão a decorrer outros estudos e trabalhos que se debruçam sobre a mesma problemática humana. Não são demais. Este estudo conjunto, no entanto, presta um significativo contributo de alerta e de urgência.

Parabéns e obrigado aos seus autores,

P. António Vaz Pinto

Alto Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas

Introdução

O objectivo teórico dos estudos reportados neste relatório é o de salientar o papel de uma abordagem psicossocial para a compreensão das formas de relacionamento e interacção entre a minoria cigana e a sociedade portuguesa dominante. O seu objectivo prático é o de determinar eventuais estratégias operacionais de intervenção comunitária susceptíveis de facilitar a compreensão mútua e a redução de preconceitos recíprocos entre ambas as comunidades.

A comunidade cigana constitui uma minoria étnica que, não só em Portugal como na Europa, mantém com a sociedade dominante relações complexas de integração e exclusão (Mamontoff, 1996). As populações ciganas, alvos e actores de processos de aculturação e de marginalização, mantêm, no entanto, uma identidade própria, alicerçada num sistema de valores, crenças e normas culturais específicas (cf. por exemplo, Liégeois, 1979, 1983).

No contexto cronológico e geográfico do nosso estudo, parece evidente que “ciganos” e “portugueses”¹ possuem sistemas de valores diferentes, embora, provavelmente, exprimidos em parte através de um léxico comum. A investigação reportada neste relatório tem o objectivo genérico de descrever e analisar as representações sociais próprias e recíprocas das comunidades cigana e portuguesa, assim como as suas consequências, com vista à

¹ Por razão de clareza da exposição, utilizamos, neste relatório, as designações cigano e português. Como é evidente, estas designações devem ser compreendidas apenas no contexto do estudo e fora de qualquer pressuposto de tipo “rácico” ou “nacionalista” que consideraríamos essencialmente incorrecto.

compreensão dos factores psicossociais associados a essas representações que favorecem ou desfavorecem a integração. Neste sentido, adoptamos, como ponto de partida, a ideia de que a problemática da integração/exclusão não se traduz apenas em termos da adopção de valores diferentes pelos membros das duas comunidades. Ela traduz-se igualmente, e, talvez, fundamentalmente, numa expressão semelhante de valores diferentes. O recurso a léxicos semelhantes baseados em semânticas diferentes, permitirá, no sentido lato, uma comunicação entre ambas. Mas esse facto produzirá também, no contexto dessa comunicação, a adopção de pressupostos tradutores de diferentes significações sociais, geradores de condutas diferenciadas associadas a essas significações e fundamentadores de percepções recíprocas distorcidas, preconceitos e expectativas diferenciais, tendencialmente reforçadores de comportamentos discriminatórios existentes entre ambas as comunidades.

A componente empírica deste projecto é composta por 4 estudos de carácter descritivo, correlacional e quase-experimental organizados em duas fases. A Fase 1 inclui dois estudos, conduzidos através de entrevistas semi-estruturadas de inquérito, realizadas junto de indivíduos ciganos e portugueses, em que procurámos captar os sistemas de valores de ambas as comunidades e os significados e condutas associados a cada valor. No Estudo 1 debruçámo-nos sobre a estrutura dos valores comuns e diferenciais de ambas as comunidades. Após a indução de uma diferenciação entre as duas comunidades (cigana e portuguesa), os participantes evocaram as características positivas e negativas diferenciadoras e assimiladoras de

ciganos e portugueses. No Estudo 2, os participantes descreveram condutas típicas dos valores comuns e diferenciais de ambas as comunidades, de modo a permitir-nos detectar diferenças simbólicas (e normativas) nestes valores.

Os dados recolhidos na Fase 1 serviram para a construção do material utilizado como variável independente nos estudos da Fase 2. Nesta fase, centrámo-nos na análise das distorções sócio-cognitivas associadas a sistemas de valores diferentes entre as duas comunidades. No Estudo 3, procurámos descrever os sistemas de valores, convergentes e divergentes de ambas as comunidades, para determinarmos a estrutura das representações sociais próprias e recíprocas das comunidades cigana e portuguesa. Com base em episódios-estímulo representativos das condutas associadas aos valores de ambas as comunidades, recolhidos na Fase 1, participantes ciganos e portugueses emitiram julgamentos acerca de condutas “desejáveis” e “indesejáveis” segundo o sistema valorativo de cada comunidade. Essas condutas haviam sido realizadas por protagonistas ciganos e portugueses. Os julgamentos obtidos referem-se à avaliação da conduta propriamente dita, à sua explicação causal, e à avaliação do protagonista. Pretendemos, assim, analisar as diferenças avaliativas e sócio-perceptivas associadas às pertenças culturais dos participantes e dos protagonistas e à sua interacção com a desejabilidade da conduta. No Estudo 4, analisámos processos associados à atribuição de competências aos ciganos em domínios fundamentais para a sua integração social, nomeadamente ao nível da educação (Estudo 4.1) e do mercado de trabalho (Estudo 4.2).

Concretamente, através da sequência dos 4 estudos realizados, pretendemos:

- 1 - detectar as representações próprias e recíprocas das populações cigana e portuguesa;
- 2 - evidenciar os processos (des)comunicacionais entre as duas comunidades, inerentes às semelhanças e diferenças nos seus respectivos sistemas de valores;
- 3 - analisar as percepções próprias e recíprocas dos membros das duas comunidades em contextos episódicos relevantes que implicam comportamentos normativos;
- 4 - descrever as percepções de ciganos por portugueses em situações relevantes para a integração dos primeiros nos contextos escolar e laboral.

Na prossecução destes objectivos, baseamo-nos fundamentalmente na noção de *representação social*, uma noção heurística e conceptualmente estabelecida na teoria e investigação psicossocial (Doise, 1990; Doise & Palmonari, 1986; Jodelet, 1989; Moscovici, 1976, 1988; Poeschl, 1992). O estudo empírico das representações sociais é, tradicionalmente, conduzido através da linguagem verbal (Poeschl, 1992), procurando frequentemente ilustrar as diferenças existentes entre grupos sociais ao nível das significações e comportamentos associados às suas representações respectivas (por exemplo, Moscovici, 1976). No entanto, ao analisarmos as representações sociais construídas por diferentes grupos sociais, devemos considerar a possibilidade de que um mesmo *significante* assuma diferentes *significados* (Hofstede, 1980; Moghaddam, 1998). As representações sociais possuídas por dois grupos culturais deverão, assim, ser analisadas, não só à luz de um critério de *semelhança – não-semelhança*, mas também à luz de um critério de *equivalência – não-equivalência* (Marques, 1983; cf. também Palmer, 1978). Neste sentido, poderemos considerar a possibilidade de que duas representações sociais traduzam relações diferentes entre os mesmos conceitos. Tais representações serão não-equivalentes, na medida em que, não contendo a mesma informação (ou seja, não traduzindo relações semelhantes entre os mesmos objectos representacionais), permitem, ainda assim, aos seus possuidores expressarem-se acerca dos mesmos conceitos (Palmer, 1978). Tais representações permitirão a comunicação entre os seus possuidores, mas serão geradoras de desacordo, tanto ao nível das suas respectivas crenças, como ao nível dos valores e dos comportamentos que lhes estão associados (Marques, 1983). Este facto, tem implicações para as interações entre os grupos sociais (Poeschl, 1999). Nesta lógica transcultural, a investigação proposta vem na sequência de outros estudos recentes que procuram atender ao papel dos referentes simbólicos atribuídos pelos diferentes grupos ao mesmo objecto (Fonseca, 1998; Quintas, 1997), com o objectivo de explicitar processos de (des)comunicação associados a práticas discriminatórias (Brickley, 1982).

O quadro teórico sintetizado acima parece-nos particularmente relevante para o estudo das relações existentes entre as comunidades cigana e portuguesa através das suas representações sociais recíprocas. É na dialéctica das representações recíprocas e próprias, constitutivas da identidade psicossocial e das normas sociais de cada um dos grupos, que se processam a integração e a exclusão sociais (Marques, Paez & Abrams, 1998; Moscovici, Mugny & Pérez, 1985, 1991; Moscovici & Pérez, 1997, 1998; Pérez, 1998; Tajfel, 1978).

Estudo 1

O estudo tem um carácter prospectivo e procura descrever a estrutura de valores de ambas as comunidades, através do levantamento dos atributos que constituem o campo representacional da noção de “pessoa cigana” e “pessoa portuguesa”.

Método

AMOSTRA

A amostra é constituída por 100 participantes, 50 ciganos e 50 portugueses. Entre os participantes ciganos, 30 são do sexo masculino e 20 do feminino, sendo a média de idades de 28.70 ($s = 9.17$). A escolaridade é em geral baixa, sendo em 92% dos casos inferior ao ensino básico. Entre os participantes portugueses, há 25 de cada sexo, sendo a média de idades de 31.04 ($s = 8.72$). A escolaridade é comparativamente aos indivíduos ciganos mais elevada, sendo em 46% dos casos inferior ao ensino básico.

PROCEDIMENTO

Os dados foram recolhidos através de técnicas de entrevista em campo. Para tornar saliente a diferenciação entre as duas comunidades, o estudo foi apresentado como parte de um inquérito acerca das relações entre os ciganos e o resto da população.

Recorrendo à técnica da associação livre (Le Bouedec, 1984), foram recolhidos os atributos positivos e negativos associados a 4 indutores apresentados por ordem contrabalançada: *coisas positivas dos ciganos*, *coisas negativas dos ciganos*, *coisas positivas dos portugueses*, e *coisas negativas dos portugueses*. Os participantes responderam, individual e oralmente.

O plano é um 2 (Participante: Cigano vs Português) x 2 (Alvo: Cigano vs Português) x 2 (Características Evocadas: Positivas vs Negativas), em que os dois últimos factores são intra-sujeito.

ANÁLISE DOS DADOS

Dadas as características dos dados, conduzimos a sua análise fundamentalmente com base em técnicas descritivas. Os dados foram codificados segundo as regras padronizadas de análise de associações livres (cf. por exemplo, Rosenberg & Sedlak, 1972; Di Giacomo, 1986). O material recolhido permitiu a organização de 4 dicionários compostos pelas palavras produzidas em cada condição experimental (Di Giacomo, 1986). Estes dicionários, por seu lado, possibilitam que se efectuem diferentes tipos de tratamentos estatísticos, que consistem, nomeadamente, na descrição global dos campos

semânticos representados nos dicionários, na comparação global dos campos semânticos em função dos grupos ou dos indutores, na comparação do conteúdo desses campos, numa selecção de termos mais relevantes, que constituem o dicionário global reduzido.

De acordo com os procedimentos tradicionalmente utilizados, procede-se a descrição dos campos semânticos, analisando a *fluidez*, a *amplitude* e a *riqueza* do material recolhido (Deconchy, 1971; Poeschl, 1992). A fluidez do discurso, ou a facilidade com que os inquiridos se exprimem a propósito da questão colocada, refere-se ao número total de termos associados ao indutor pelos sujeitos. A *amplitude* diz respeito ao número de palavras diferentes que a questão faz surgir, isto é, às categorias tornadas acessíveis na representação. A *riqueza*, por fim, é a razão entre a amplitude e a fluidez, a qual traduz a integração de um volume maior ou menor de informação (Poeschl, 1992).

Com vista à descrição dos universos comuns e específicos dos campos representacionais associados às diferentes condições experimentais e os seus universos de articulação com os termos próximos, comparámos, então, os dicionários obtidos para cada um dos termos indutores. Uma medida global da semelhança dos universos semânticos produzidos nas diferentes condições estudadas foi obtida através do cálculo do *Índice de Ellegard* (Di Giacomo, 1986). Este índice determina-se dividindo o número de palavras comuns a dois dicionários específicos, pela raiz quadrada do produto das palavras diferentes do primeiro dicionário pelas do segundo. O índice de Ellegard varia, assim, entre 0 e 1, sendo tanto mais elevado quanto maior for a proporção de palavras comuns, ou seja, a semelhança semântica entre os dicionários (Di Giacomo, 1986).

As *frequências* com que os diferentes termos são citados fornecem um indicador da sua importância, sendo os atributos mais acessíveis, possivelmente, os mais pertinentes. Para estudar, mais especificamente, a diversidade dos universos semânticos, realizámos um teste do qui-quadrado (χ^2) sobre as frequências das palavras enunciadas nas diferentes condições. Este teste permite determinar a acessibilidade ou saliência diferencial de certas palavras em função das diferentes condições criadas.

Para determinar a estabilidade da estrutura de dados recolhida recorreremos a técnicas de análise descritiva multivariada, em concreto, à análise factorial de correspondências (cf. Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992).

Resultados

1 - Descrição geral dos campos semânticos

O dicionário global é composto por 1019 palavras, das quais 319 traduzem significações diferentes. A frequência destas últimas varia entre 1 e 66 palavras. O Quadro 1 apresenta os resultados obtidos nas diferentes condições experimentais, em termos da amplitude, da fluidez e riqueza do campo semântico evocado pelos participantes das duas comunidades (Cigana ou Portuguesa) em função da Comunidade-Alvo e da Positividade-Negatividade do estímulo evocador.

	Alvo Cigano				Alvo Português			
	Positivo		Negativo		Positivo		Negativo	
	Português	Cigano	Português	Cigano	Português	Cigano	Português	Cigano
Amplitude	40	50	66	48	67	48	84	59
Fluidez	130	196	137	97	116	96	132	115
Riqueza	.31	.26	.48	.49	.58	.50	.64	.51

Quadro 1. Amplitude, Fluidez e Riqueza do Material Semântico em Função do Alvo, da Positividade-Negatividade e do Participante.

Como se pode observar no Quadro 1, os campos semânticos mais ricos são os produzidos para o alvo português, tanto para as características positivas como para as negativas. Por seu lado, o campo das características positivas dos ciganos é o menos rico, quer para os participantes ciganos, quer para os portugueses.

A análise da fluidez e da amplitude mostra que os portugueses têm valores superiores aos ciganos nas diferentes condições experimentais, com excepção do alvo cigano positivo. Neste caso, são os ciganos que apresentam um maior número quer de palavras associadas, quer de palavras diferentes.

2 - Comparações entre campos semânticos

Uma primeira comparação, procura a semelhança entre os campos semânticos dos participantes ciganos e portugueses quando descrevem as características negativas e positivas dos dois grupos étnicos. O Quadro 2 apresenta o índice de Ellegard que permite esta comparação.

	Alvo Cigano		Alvo Português	
	Traços Positivos	Traços Negativos	Traços Positivos	Traços Negativos
Itens Comuns	19	21	19	15
Índice de Ellegard	.42	.37	.34	.21

Quadro 2. Semelhança dos Campos Semânticos dos Participantes Ciganos e Portugueses para as Características Positivas e Negativas do Alvo Cigano e do Alvo Português.

Observa-se, a partir dos valores do Quadro 2, que os participantes ciganos e portugueses diferem mais entre si quando descrevem as características dos portugueses, especialmente no caso das negativas. Por seu lado, os dois grupos apresentam uma maior semelhança na descrição das características dos ciganos.

Uma segunda comparação, apresentada no Quadro 3, averigua em que medida os participantes ciganos e portugueses consideram que os dois grupos étnicos partilham as mesmas características positivas e negativas.

	Traços Positivos dos Alvos		Traços Negativos dos Alvos	
	Cigano	Português	Cigano	Português
Itens Comuns	14	11	13	15
Semelhança	.29	.21	.24	.20

Quadro 3. Semelhança dos Traços Positivos e Negativos dos Alvos Cigano e Português segundo os participantes ciganos e portugueses.

Os valores apresentados no Quadro 3, revelam que, embora o grau de semelhança seja fraco em todas as condições, de forma geral, os participantes portugueses percebem mais diferenças entre os traços dos dois grupos étnicos do que os ciganos.

3 - Conteúdo dos campos semânticos

Dentro do dicionário global, encontram-se 30 palavras citadas por, pelo menos 10%, dos participantes. O Quadro 4 apresenta estas palavras.

	Total	Alvo Cigano				Alvo Português			
		Positivo		Negativo		Positivo		Negativo	
		Port.	Cigano	Port.	Cigano	Port.	Cigano	Port.	Cigano
Alegre	11	1	8			1	1		
Amizade	18	3	5			6	4		
Casamento	26	5	20				1		
Conviver	19	3	10			1	5		
Cultura	11	8				2	1		
Desconfiado	10			4				4	2
Desunido	15							6	9
Droga	11			3	7			1	
Educação	12		1			6	5		
Escolaridade	12					2	10		
Falta de Educação	10			5	2			3	
Família	12	6	5			1			
Fechado	12			8	1			2	1
Festa	23	6	17						
Higiene	13			9	1	2	1		
Hipócrita	12							11	1
Humano	12	2	5			4		1	
Luto	19	1	9	1	8				
Mentiroso	13			10				2	1
Mulher Dominada	12			1	11				
Não Casar com Outra Raça	10			2	5				3
Profissão	10					1	9		
Racista	29			3	3			5	18
Respeito	16	2	13				1		
Sincero	13	7	1			5			
Socorrer	12	2	10						
Trabalhar	13		1			5	6		1
Tradição	18	8	10						
Unido	66	24	37	1		3	1		
Violento	18			11	3			2	2

Quadro 4. Palavras Citadas no Conjunto por, pelo menos, 10% da Amostra, em Função do Participante, da Positividade-Negatividade e do Alvo.

A observação do Quadro 4, indica que ao alvo cigano são atribuídos de forma significativamente ($\chi^2 < .05$) superior do que ao alvo português sete atributos positivos (*união, casamento, festa, tradição, respeito, família e socorrer*), três atributos negativos (*violência, mulher dominada e droga*) e um atributo considerado quer como positivo quer como negativo (*luto*).

Pelo contrário, são quatro atributos positivos (*trabalhar, educação, escolaridade e profissão*) e três negativos (*racista, desunido e hipócrita*) que distinguem o alvo português do alvo cigano

Deste modo, a apreciação do alvo cigano e português não se diferencia significativamente no que respeita a doze atributos, dos quais seis são positivos (*conviver, amizade, sincero, alegre, cultura e humano*) e cinco são negativos (*mentiroso, fechado, desconfiado, não casar com outra raça e falta de educação*). Por fim, um traço é evocado negativamente para os ciganos e positivamente para os portugueses (*higiene*).

Para evidenciar as dimensões que estruturam a representação dos atributos mais característicos das duas comunidades, aplicou-se uma análise factorial de correspondências nas palavras citadas por, pelo menos, 10% da amostra. A análise extraiu duas dimensões principais, que explicam, respectivamente, 57% e 28% da variância total. A composição destas dimensões é apresentada no Quadro 5.

Pode-se observar no Quadro 5 que a primeira dimensão opõe as respostas que descrevem o alvo cigano às que descrevem o alvo português. Os ciganos são caracterizados, principalmente, por *unido, casamento, festa, luto e mulher dominada*. Os portugueses, por seu lado, são descritos como *racista, desunido, trabalhar, educação, escolaridade, profissão, hipócrita e desconfiado*.

A segunda dimensão opõe as respostas dos participantes portugueses às respostas dos ciganos. Assim, os portugueses evocam, sobretudo, *violento, higiene, cultura, sincero, bem como falta de educação, desconfiado, mentiroso, fechado e hipócrita*. Os ciganos mencionam mais vezes *profissão, escolaridade, luto, mulher dominada, casamento, respeito e racista*.

A representação gráfica da análise factorial de correspondência pode ser observada na Figura 1.

	Massa	Coordenada		Contribuição Absoluta		Contribuição Relativa	
		1	2	1	2	1	2
Organização Factorial dos Dicionários							
Cigano para Alvo Cigano	,395	-,752	,560	,297	,236	,688	,266
Cigano para Alvo Português	,170	1,452	,795	,476	,205	,772	,161
Português para Alvo Cigano	,279	-,346	-,854	,044	,386	,142	,602
Português para Alvo Português	,156	,943	-,763	,184	,173	,457	,209
Organização Factorial dos Atributos							
Unido	,135	-,647	-,061	,075	,001	,973	,006
Racista	,059	1,260	,631	,125	,045	,787	,137
Casamento	,053	-,781	,566	,043	,032	,722	,264
Festa	,047	-,857	,364	,046	,012	,885	,111
Conviver	,039	-,025	,626	,000	,029	,002	,960
Luto	,039	-,940	,783	,046	,045	,627	,303
Amizade	,037	,491	-,123	,012	,001	,609	,026
Tradição	,037	-,758	-,130	,028	,001	,885	,018
Violência	,037	-,094	-,808	,000	,046	,012	,611
Respeito	,033	-,747	,758	,024	,036	,563	,403
Desunido	,031	1,655	,327	,112	,006	,964	,026
Higiene	,027	-,054	-1,150	,000	,067	,002	,754
Mentiroso	,027	-,012	-1,357	,000	,093	,000	,738
Sincero	,027	,157	-1,351	,001	,093	,019	,955
Trabalho	,027	1,441	,338	,073	,006	,938	,036
Educação	,025	1,344	-,007	,059	,000	,829	,000
Escolaridade	,025	1,813	1,019	,107	,049	,760	,167
Família	,025	-,541	-,489	,010	,011	,579	,330
Fechado	,025	-,020	-1,110	,000	,058	,000	,779
Hipócrita	,025	1,306	-1,206	,056	,068	,290	,172
Humano	,025	,029	-,432	,000	,009	,001	,150
Mulher Dominada	,025	-,952	,842	,030	,033	,595	,324
Socorrer	,025	-,907	,618	,027	,018	,726	,234
Droga	,023	-,646	,103	,012	,000	,915	,016
Alegre	,023	-,478	,633	,007	,017	,368	,449
Cultura	,023	,069	-1,308	,000	,073	,003	,776
Desconfiado	,020	,702	-,928	,013	,034	,444	,541
Falta Educação	,020	-,054	-1,035	,000	,042	,004	,977
Profissão	,020	1,858	1,216	,094	,058	,680	,203
Não casar com outra raça	,020	-,013	,662	,000	,017	,000	,756

Quadro 5. Análise Factorial das Correspondências. Organização dos Dicionários e dos Atributos dos Ciganos e dos Portugueses.

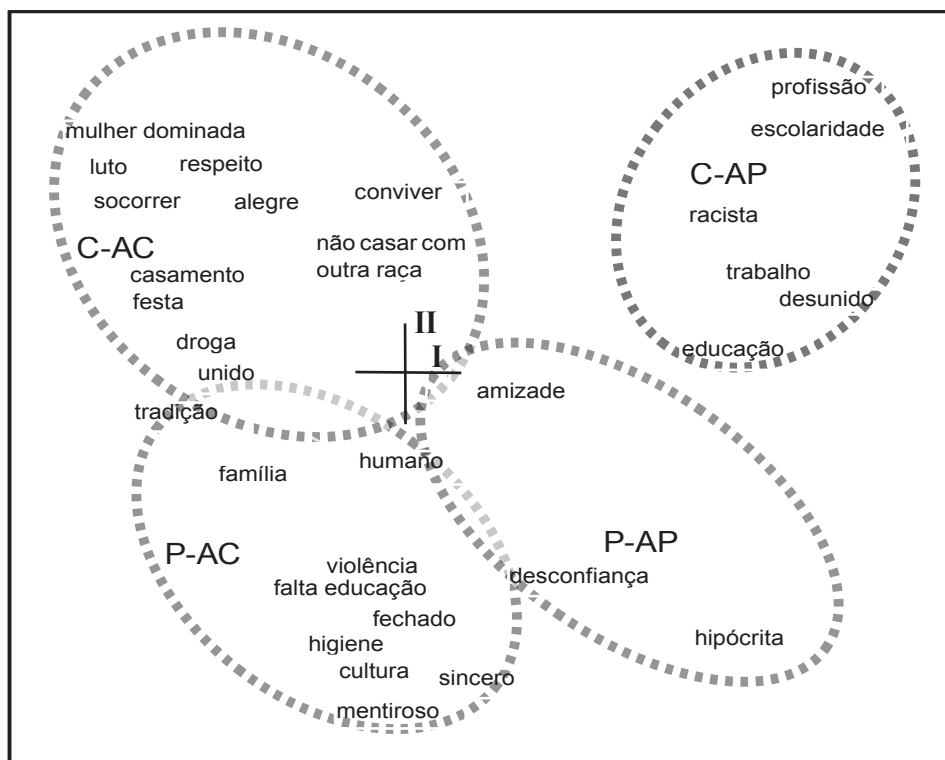


Figura 1. Organização dos Atributos Evocados em Função dos Participantes, dos Alvos e da Positividade-Negatividade nos Factores I e II da Análise Factorial das Correspondências (cf. Quadro 5).

Nota:

C-AC: Ciganos sobre Alvo Cigano; C-AP: Ciganos sobre Alvo Português; P-AC: Portugueses sobre Alvo Cigano; P-AP: Portugueses sobre Alvo Português.

Em suma, os portugueses, em geral, são mais expressivos na descrição de ambas as comunidades e percebem mais diferenças entre as características de cada uma delas. Assim, existe uma maior grau de consenso acerca das características positivas e negativas dos ciganos do que dos portugueses. Este resultado não é surpreendente dado de tratar-se, no caso dos ciganos, de uma comunidade minoritária e associada a estereótipos e preconceitos mais do que o grupo maioritário (Doise, Mugny e Deschamps, 1992).

A análise factorial das correspondências efectuada com as palavras mais frequentes mostra um discurso sobre o endogrupo e o exogrupo predominantemente positivo por parte dos ciganos e um discurso predominante negativo por parte dos portugueses. Destacam-se como características

positivas dos ciganos, a união (claramente a característica mais consensual), a festa, e como características negativas, a droga (referida pelos próprios ciganos), a violência e a mentira (segundo os portugueses). O trabalho e a educação são vistos como características positivas dos portugueses, e o racismo (segundo os ciganos), a hipocrisia e a desconfiança (referidas pelos próprios portugueses), como características negativas.

Podemos ver nestes domínios, a tradução dos factores centrais da problemática da exclusão/integração da comunidade cigana no contexto da sociedade maioritária. De facto, o tema da união pode ilustrar, ou uma comunidade virada para o seu próprio interior, como um processo defensivo em relação à hostilidade ressentida (racismo) da parte da comunidade portuguesa, ou como a tradução de um fenómeno de forte coesão interna, ou como ambos, como será o mais provável. Por outro lado, o trabalho e a educação parecem traduzir o apelo normativo da sociedade maioritária que é ao mesmo tempo e, paradoxalmente, vedado aos ciganos, ou pelo menos visto como tal.

Estudo 2

O objectivo deste estudo é descrever e analisar os significados e condutas comuns e diferenciadores atribuídos por participantes ciganos e portugueses aos valores recolhidos no estudo precedente. Pretendemos ainda detectar os conteúdos semânticos específicos de cada grupo e, assim, eventuais diferenças nos seus respectivos sistemas de valores e nas condutas normativas que lhes são associadas, mesmo quando o valor subjacente (“união”, “racismo”, “trabalho” e “violência”) é apresentado através de um léxico comum.

Método

AMOSTRA

A amostra é constituída por 40 participantes, 20 ciganos e 20 portugueses. Entre os participantes ciganos, 12 são do sexo masculino e 8 do feminino, sendo a média de idades de 33,0 ($s = 14.54$). A escolaridade é para todos os participantes inferior ao ensino básico. Entre os participantes portugueses, há 10 de cada sexo, sendo a média de idades de 33.25 ($s = 12.60$). A escolaridade é comparativamente aos participantes ciganos mais elevada, sendo somente em 25% dos casos inferior ao ensino básico.

PROCEDIMENTO

Recorremos à entrevista semi-estruturada e aprofundada, construída a partir do material recolhido no Estudo 1, para a recolha dos significados e condutas associados ao léxico evocado pelos participantes daquele estudo. Com base nos resultados obtidos no Estudo 1, escolhemos quatro características típicas das duas comunidades, que permitem examinar as diferenças de sentido e de significações atribuídas a conceitos comuns: união e violência, que caracterizam mais particularmente, e de forma, respectivamente positiva e negativa, a comunidade cigana, e *trabalho* e *racismo*, associados, respectivamente de forma positiva e negativa, à comunidade portuguesa.

ANÁLISE DE DADOS

O material recolhido através das entrevistas, foi transcrito e codificado através do programa NUD*IST 4 (*Non-Numerical Unstructured Data Indexing, Searching and Theorizing*). Foi, assim, possível constituir, de forma indutiva, critérios temáticos de categorização, posteriormente refinados ao longo da introdução de novos casos. A unidade de registo escolhida foi a resposta dos participantes a cada uma das questões (Ghiglione, Beauvois, Chabrol & Trognon, 1980). Através dessa análise, o material recolhido foi organizado com vista à descrição dos significados dos atributos e respectivas condutas.

Resultados

1 – União: Incondicional ou Instrumental

Os temas evocados por, pelo menos 10% da amostra, no conjunto das entrevistas, em que se pedia aos membros das duas comunidades a definição de união e a descrição de situações em que as pessoas são unidas, são apresentados no Quadro 6.

A leitura do Quadro 6 mostra que, quando se comparam as duas comunidades, para os ciganos, a união significa, fundamentalmente, *amizade, convívio e paz*, ocorrendo, sobretudo, ao nível familiar e étnico. Com efeito, nos ciganos, a união é algo de incondicional, “essencial na vida”² que acompanha a “amizade para a pessoa, no dia a dia...”, “uma amizade bem unida” é “a gente conviver umas pessoas com as outras”. A união surge “com a família toda, inteira” e com o grupo étnico. Esta incondicionalidade encontra-se patente, por exemplo, no excerto seguinte:

“mesmo que não seja a minha família, mas que sejam ciganos... tem-se sempre união com eles, ‘vaia’ a qualquer lado que eu ‘vaia’, ‘vaia’ a um café, ‘vaia’ a uma discoteca, ‘vaia’ a um bar ‘vaia’ a qualquer lado, se eles estiverem lá, tenho que conversar com eles, mesmo que não conheça, acabo sempre por conversar com eles, temos sempre união. Nós sentimos quem é cigano e quem não é, percebe? A gente chega lá, vemos que é cigano, não conhecemos mas chegamos à beira dele, cumprimentamo-nos, apresentamo-nos, já está a união feita e a partir daí somos amigos para sempre, isso para mim significa a união, é a amizade...”.

A união ocorre, portanto, em *todos os momentos*, quer “nas horas que é preciso”, quer “nas horas que não é preciso”, concretizando-se, quer nas situações de *festa*, quer nas situações mais negativas como nos *hospitais* e nos *conflitos*. Assim, “os ciganos são unidos em tudo, nos casamentos... nos hospitais, nos funerais ... uma criança vai para o hospital ou um homem vai para o hospital, unimo-nos todos...nos casamentos é tudo convidado...”, ou então “quando temos qualquer barulho, que haja uma desordem entre nós... os conflitos que acontecem ao longo da vida que há muito mais união”.

2 As expressões apresentadas entre aspas são directamente transcritas das entrevistas.

Temas	Total (F>3)	Ciganos	Portugueses
Significado			
Afecto	13	5	8
Amizade	13	11	2
Ajuda	11	6	5
Junção	11	4	7
Interesse Comum	10	0	10
Força	9	2	7
Convívio	7	6	1
Compreensão	5	1	4
Partilha	4	0	4
Solidariedade	4	1	3
Paz	4	4	0
Situação			
Hospitais	9	8	1
Festas	9	9	0
Problemas	7	4	3
Conflitos	6	6	0
Casamentos	4	1	3
Mortes	4	3	1
Momentos			
Todos	15	13	2
Maus	15	7	8
Nível			
Entre As Pessoas	17	5	12
Família	16	10	6
Amigos	9	4	5
Étnico	8	6	2
Grupos De Interesse	8	0	8
Coisas	5	0	5
Casal	4	1	3
Existência			
Sempre	9	7	2
Nem Sempre	5	1	4
Não existe	3	0	3

Quadro 6. União. Temas mais Frequentes no Total e por Comunidade

Os ciganos não perspectivam a possibilidade da não existência de união, que é concebida como algo *sempre presente*, “estamos sempre unidos, não é? Cada qual está na sua vida mas se acontece uma coisa qualquer ficamos todos unidos, ainda mais união há”. Em suma, a união inscreve-se na identidade cigana e, além do mais, resulta num traço que, do seu ponto de vista, os torna distintivos dos portugueses “que é o que vocês não têm é grande união”.

Para os participantes portugueses, a união parece corresponder, não a uma força social omnipresente, mas, pelo contrário, a uma consequência de condicionalismos sentidos pelos indivíduos em contextos temporais específicos. A união surge assim, “quando as pessoas se juntam e têm um fim em comum”, “é o que faz a força, prontos! É um certo número de pessoas unirem-se para conseguir um objectivo”. Neste sentido, a união decorre do agrupamento de pessoas no seio de diversos grupos de interesse “por exemplo, eu no meu trabalho, estou unida aos meus colegas de trabalho porque trabalho todos os dias com eles é só a única coisa que nos une e como me manifesto é trabalhar o melhor que posso com eles...”. Nestes casos, geralmente, a união não extravasa esses grupos pelo que “normalmente o que as pessoas fazem é respeitar essas pessoas dentro desses interesses comuns. Fora disso podem nem sequer ter ligações psicológicas”. Por outro lado, se “antigamente a união era qualquer coisa de belo”, pensa-se que ela “hoje...não existe”, “na nossa sociedade não, nem na família, nem as famílias estão unidas, uns vão para um lado, outros vão para outro.”. Numa outra dimensão, a união evoca relações do mundo físico “união é estarem as coisas juntas, é isso...”.

Em suma, sendo uma relação afectiva de ajuda, para todos os participantes, quer ciganos, quer portugueses, para os primeiros a união é incondicional/expressiva, e ancora-se no sentimento de pertença e na identificação do indivíduo com a colectividade, enquanto que, para os segundos, a união materializa-se nas relações inter-pessoais, e ancora-se no carácter instrumental da *força* como meio para a realização do *interesse comum*. Compreende-se, assim, o menosprezo dos ciganos pelo individualismo dos portugueses, e o carácter exagerado atribuído por estes às manifestações de união nos ciganos.

2 - Violência: Interpessoal ou Produto das Relações Sociais

Os significados e situações associados à violência revelam um conjunto de temas, dos quais são apresentados, no Quadro 7, os que foram evocados por pelo menos 10% dos amostra.

	Total (F>3)	Ciganos	Portugueses
Significado			
Algo muito mau	14	6	8
Interferência no outro	9	2	7
Natureza das pessoas	7	3	4
Agressividade	4	0	4
Situação			
Agressão	17	10	7
Homicídio	14	9	5
Roubo	9	4	5
Droga	8	6	2
Álcool	8	6	2
Doméstica	6	4	2
Discussões	6	4	2
Desacatos	5	4	1
Guerras	4	1	3
Tipo			
Física	15	3	12
Verbal	13	3	10
Psicológica	8	2	6
Nível			
Étnico	7	4	3
Casais	6	4	2

Quadro 7. Violência. Temas mais Frequentes no Total e por Comunidade.

O conceito de *violência* parece mais consensual entre as duas comunidades do que o de *união*. Em primeiro lugar, para ambas as comunidades, a violência reveste-se de uma valoração claramente negativa, “uma coisa má, uma coisa errada, que não se deve fazer”, “é a pior coisa do mundo”. Trata-se de uma característica intrinsecamente pessoal, mais do que institucional, de algo que “já nasce com a pessoa”, e que provém, fundamentalmente, da natureza negativa das pessoas, “que por instinto são más”. De igual modo, as situações associadas à violência são basicamente as mesmas na representação das duas

comunidades, embora os participantes ciganos se revelem mais expressivos na sua enumeração. Assim, a *agressão*, o *homicídio* e o *roubo* são as situações mais referidas, seguindo-se as referências à ingestão de substâncias, *drogas* e *álcool* e suas ligações com a violência. Por fim, surgem as situações de violência *doméstica* e as provenientes de *desacatos* e *discussões*.

Contudo, os participantes portugueses, consideram também a violência como uma manifestação de agressividade e como uma *interferência no outro* que resulta de “uma pessoa não ter respeito pela outra, é uma pessoa não levar em consideração os outros”. Ao contrário dos participantes ciganos, os participantes portugueses estabelecem, ainda, uma distinção entre tipos de violência, destacando as violências *física*, *verbal* e *psicológica*.

Apesar do acordo entre ambas as comunidades nos aspectos referidos acima, a análise das entrevistas revela ainda que, para os participantes ciganos, a violência é um fenómeno que implica, sobretudo, a ofensa corporal. É algo de negativo, que surge das discussões, do efeito do álcool e das drogas, em ocasiões sociais, e que cria problemas que podem ser resolvidos pela intervenção dos líderes da comunidade, sobretudo os anciãos.

Para os participantes portugueses, a violência é um conceito mais abrangente que inclui também a violência inerente às regras sociais: os horários, a interferência na liberdade do outro, a obrigação de casar, a interdição de escolher a profissão, ou a guerra, são considerados como fenómenos do foro da violência.

“porque há muitas regras, acho que temos muitas regras, e muita disciplina...mas que sem a qual também às tantas não iríamos a lado nenhum, não é?! onde quer que seja que a gente pretenda ir...pronto, acho que é violento, é violento de manhã tar muito frio e ter que acordar o meu filho às 8 menos um quarto porque é mesmo assim the dead line, e ele tem que ir prá escola, não é?! isso é uma violência...”

Em suma, parece interessante salientar que, para os participantes ciganos, a violência se estabelece exclusivamente na relação corporal imediata com o outro, enquanto que, para os participantes portugueses, esta, tendo também origem no indivíduo, parece ser mediada pela estrutura das relações sociais. Em primeira análise, esta diferença pode surgir como paradoxal quando considerada em conjunto com os significados de união, que, para os participantes portugueses

se associa às relações interpessoais, enquanto que para os participantes ciganos se associa à relação do indivíduo com a comunidade global. Note-se, no entanto, que, para os participantes ciganos é, exactamente, no contexto das relações imediatas com o outro no seio da comunidade que a violência adquire o seu significado social. Para os participantes portugueses, esta parece, pelo contrário, decorrer das relações sociais que impõem restrições ao indivíduo.

3 – Trabalho: Utilitarismo Material ou (In)Satisfação Pessoal

A análise das entrevistas realizadas com o intuito de recolher a significação de trabalho e uma descrição das situações em que as pessoas trabalham evidencia os temas apresentados no Quadro 8.

Significado	Total (F>3)	Ciganos	Portugueses
Significado			
Necessidade	23	10	13
Sobrevivência	20	12	8
Ganhar dinheiro	16	8	8
Ocupação	13	4	9
Prazer	10	1	9
Rotina	9	2	7
Tarefa	7	0	7
Obter nível de vida	7	1	6
Emprego	6	3	3
Construtivo	4	0	4
Utilidade	4	0	4
Realização	4	0	4
Situação			
Feirante	10	10	0
Artes Manuais	6	3	3
Doméstica	4	4	0
Escritório	4	2	2
Qualidade			
Gostar	12	6	6
Não gostar	7	2	5
Bom	6	3	3
Duro	5	1	4

Quadro 8. Trabalho. Temas mais Frequentes no Total e por Comunidade.

A análise indica que, ao contrário dos participantes portugueses, para os participantes ciganos, o conceito de *trabalho* encontra-se estritamente ligado às necessidades vitais. Trabalha-se por *necessidade*, para *sobreviver* e garantir o sustento através do *dinheiro* que se ganha com a actividade laboral. A situação de trabalho tipicamente evocada pelos participantes ciganos é a de *feirantes* e as apreciações acerca do trabalho são, em geral, positivas.

“trabalhinho é bom, sem trabalho não podemos viver que é daí que vem o nosso pão, os rendimentos, podemos sobreviver, sem trabalho não se pode”; “temos que ganhar o pão de cada dia e para viver, se não trabalhar não vivemos, não comemos, não vestimos, não calçamos, não temos aquilo que havíamos de ter, não é, é assim, temos que trabalhar, ninguém nos dá nada...”

O conceito de trabalho expresso pelos participantes portugueses inclui as dimensões referidas pelos participantes ciganos, mas é bastante mais abrangente. O trabalho é, por um lado, algo que ocupa as pessoas, podendo retirar-se dessa actividade prazer e um sentimento de realização, de utilidade e de construção de algo positivo, para além de se poder obter um nível de vida satisfatório.

“tar ocupado, mas é evidente que isso não chega, porque é preciso que haja uma certa realização, um certo prazer ...o trabalho que conclua num certo prazer...”; “quando trabalham mesmo é mesmo quando querem fazer as coisas, quando têm projectos e fazem por gosto mesmo, quando querem construir coisas...”; “para subir na vida um bocado, não é, para ter uma vida estável...”

Por outro lado, o trabalho tem aspectos menos positivos, nomeadamente a rotina e/ou a dureza que leva a que muitas pessoas não gostem de trabalhar.

“é levantar cedo, somos todas assim, na minha família é tudo assim... levantar cedo, trabalhar, chegar a casa e trabalhar, fazer as coisas de casa”; “quase todos fazem aquilo que não gostam, é o meu caso, tenho que aturar os clientes... O meu ideal não é esse, a vida não me permitiu outra coisa... entrar na loja, ler o jornal, de manhã pouco tenho que fazer, tirar umas facturas e atender os clientes, nada mais... eu já faço isto há 23 ou 22, já perdi a conta... depois é o continuar dos anos, não é... é uma semana ocupada, das nove, é sair da família, no meu caso eu já tenho três filhos, é sair da família às nove e voltar para casa às 8, cansado, e adormecer no jornal e ao outro dia estar cá outra vez, o trabalho é isso.”

Em suma, dependendo das pessoas e das tarefas que desempenham, trabalha-se com gosto, eventualmente “até sem ganhar”, ou só pela necessidade de ganhar dinheiro. De qualquer modo, o ideal é poder combinar a necessidade de trabalhar com o gosto pelo que se faz.

“é fundamental uma pessoa fazer uma coisa que goste, não é?! trabalho naquilo que gosto, acho que, digamos é uma lotaria, uma pessoa ter um trabalho que goste de fazer e ainda por cima pago por isso, é fantástico, não é?! e que se divirta de preferência...acho que isso é o máximo”.

Em suma, de novo, se revela na comparação entre os conteúdos evocados pelos participantes de ambas as comunidades, um desfazamento entre os significados que atribuem ao trabalho e, provavelmente, a causa das suas representações negativas recíprocas. Obtendo benefícios expressivos noutras actividades, os participantes ciganos consideram o trabalho como uma actividade que se reveste apenas de um utilitarismo material, necessária apenas na ausência de dinheiro, e que perde o carácter permanente do trabalho na comunidade portuguesa. Esta, por seu lado, considerando o trabalho como uma actividade permanente, e recolhendo dessa actividade benefícios expressivos que ultrapassam o mero rendimento económico, tende a atribuir à não-permanência na actividade laboral um estatuto negativo.

4 – Racismo: Forma de Expressão ou Condição de Vida

A análise do discurso sobre o racismo e a descrição das situações em que as pessoas são racistas, evidencia os temas apresentados no Quadro 9.

Os participantes portugueses consideram que o racismo é uma forma de *exclusão* e de estabelecer uma *diferença* face aos outros.

“É as pessoas não aceitarem outro tipo de pessoas com que não se identifiquem e excluam-nas da sociedade a que pertencem”; “banir as pessoas que estão de fora, portanto...é mesmo não fazer parte do grupo, não se liga, não se fala, não se quer saber, que acho que é esse o princípio do racismo básico”; “só que as pessoas vão contra eles só porque eles têm crenças diferentes das nossas, cores diferentes das nossas, pensam de maneira diferente, aí está o racismo, só porque eles são um bocadinho diferentes de nós... às vezes são até da mesma cor mas têm objectivos diferentes, lá está, e só por causa disso...”

	Total (F>3)	Ciganos	Portugueses
Significado			
Violência	12	6	6
Diferença	10	3	7
Exclusão	10	1	9
Ignorância	9	2	7
Mania da Superioridade	7	2	5
Não se Misturar	6	3	3
Medo	6	1	5
Não Aceitar o Outro	5	2	3
Separar	4	4	0
Não se Justifica	4	0	4
Resultado da Cultura	4	0	4
Situação			
Agressão	9	1	8
Falar Mal do Outro	8	4	4
Comunicação Social	7	2	5
Trabalho	7	0	7
Insulto	4	0	4
Discussões	4	3	1
Olhar	4	2	2
Nível			
Branco vs Negro	21	8	13
Branco vs Outras Raças	15	2	13
Branco vs Cigano	13	11	2

Quadro 9. O racismo. Temas mais Frequentes no Total e por Comunidade.

O racismo é, em geral, uma reacção de medo “se calhar é porque estavam isoladas e não viam mais nada e tinham medo, tinham medo de uma agressão exterior ou qualquer coisa desse género”, que se fundamenta na *ignorância*, “é uma forma de ignorância misturada com medo da outra raça”. O racismo manifesta-se pela *agressão* a outras raças, “há cenas que eu também já vi, de pancadaria entre pretos e brancos, não sei qual é o motivo... depois, nem que seja por uma cerveja ou qualquer coisa do género, depois vem sempre o motivo do racismo...” e pela falta de oportunidades que lhe são proporcionadas, principalmente no âmbito do *trabalho* “em todas as empresas que trabalhei nunca vi um preto, acho impossível que não haja pretos qualificados para irem trabalhar nas mesmas empresas que eu..”. Assim, as relações dos brancos com todas as outras *raças* e, especialmente com a *negra* são as mais presentes.

Para os participantes ciganos, o racismo resulta fundamentalmente da complexa relação estabelecida com os portugueses. Contudo, mais do que ter algum significado específico ou materializar-se em determinadas situações, o racismo é, para os participantes ciganos, algo de difuso que acompanha o seu quotidiano. Assim, o racismo surge quando os portugueses “parece que se assombram de ver os ciganos” quando “falta uma carteira, é logo os ciganos... quem tem culpa?! É o cigano que esteve aqui, a vossa raça nunca é culpada disso...” Também nas situações de conflito com as polícias “eles foram super violentos, e isso foi uma forma de racismo porque se não fosse com pessoas de etnia cigana aquilo não teria acontecido de certeza” ou na discriminação no acesso a bens comuns “quando uma pessoa quer uma coisa e não dão coisas por ser de etnia cigana ou da raça preta” ou quando a comunidade branca evita relacionamentos próximos com os ciganos “numa escola, por exemplo, se vir uma cigana talvez não metam lá o filho e assim, tá a entender”. Enfim, na difusão da própria identidade pessoal no grupo étnico “é o preto e é o cigano, vêm um cigano a passar, vem aí um cigano, vêm passar um preto, que o preto tem nome, têm nome não têm, ah vem aí um preto, não há, não tem nome...o cigano e o preto não tem nome, eu tenho nome, venho a passar ali, vem ali uma cigana, eu não sou cigana, eu tenho nome, não é?”

Em suma, conotado negativamente em ambas as comunidades, nos portugueses, o racismo é dirigido às outras raças e permite a delimitação das relações interpessoais e inter-raciais. É uma reacção afectiva, que tem como origem o medo do desconhecido, e que se manifesta das mais variadas formas, dos pensamentos aos actos. Por seu lado, os ciganos são a origem do medo e sofrem as suas manifestações. Eles são o desconhecido, e têm a sua identidade pessoal substituída pela identidade do grupo. Se os portugueses são racistas, esse racismo é algo que se dirige a si enquanto ciganos.

Estudo 3

Com o Estudo 3 pretendemos analisar o impacto das estruturas de valores das comunidades cigana e portuguesa nos julgamentos e avaliações expressos pelos seus membros acerca de outros membros dessas comunidades. Mais concretamente, o nosso objectivo foi o de conhecer a forma como participantes ciganos e portugueses avaliam e explicam condutas consideradas como desejáveis e como indesejáveis, tais como foram recolhidas no Estudo 2. Para isso, apresentámos a participantes ciganos e portugueses um conjunto de dois cenários que, consoante as condições experimentais, traduziam situações de conduta desejáveis ou indesejáveis protagonizadas por ciganos ou portugueses. Os participantes (a) avaliaram os comportamentos descritos, (b) propuseram explicações causais para a ocorrência desses comportamentos, e (c) avaliaram os protagonistas desses cenários, que, variavam segundo a sua origem cigana ou portuguesa.

Método

AMOSTRA

A amostra é constituída por 118 participantes (59 ciganos e 59 portugueses). Os participantes ciganos têm, em média de 33.37 anos de idade ($s = 12.73$), sendo 29 do sexo masculino e 31 do feminino. Os portugueses têm em média 38.31 anos de idade ($s = 15.06$) e são 32 do sexo masculino e 29 do sexo feminino. O nível de escolaridade dos ciganos é claramente inferior, sendo que só 3% têm o ensino básico completo, enquanto que nos portugueses 59% possuem esse grau de ensino.

PROCEDIMENTO

O estudo foi conduzido através de um questionário de resposta verbal. Neste questionário eram descritos cenários elaborados a partir dos significados e condutas recolhidos no Estudo 2. Seleccionámos as duas dimensões mais referidas em associação com os ciganos e com os portugueses, respectivamente união - não união e racismo - não racismo. Para cada uma destas dimensões, construímos um cenário desejável e um indesejável. Os cenários deviam permitir-nos recolher (a) a avaliação das condutas, (b) a explicação causal dessas condutas, e (c) a avaliação dos protagonistas, tendo em conta a sua origem (cigana vs. portuguesa).

Para não alargarmos em demasia o tempo da entrevista, constituímos duas versões do questionário. Assim, os participantes foram convidados a pronunciar-se, quer sobre os cenários mais desejáveis (*união, não-racismo*) quer sobre os cenários mais indesejáveis (*não-união, racismo*). A ordem de apresentação dos cenários foi contrabalançada. Metade dos participantes em cada versão do questionário descreviam um protagonista cigano e outra metade um protagonista português.

A primeira versão do questionário (desejável) continha os cenários seguintes:

1 - União: “O José é um cigano/português que tem um primo afastado, internado no Hospital de S. João, há 15 dias. Neste período, todos os dias, o José passa toda a hora de visita junto do primo, com prejuízos para os seus negócios”.

2 - Não-racismo: “O Jorge é um cigano/português que gosta de todas as pessoas e acha que a cor da pele não tem nada a ver com o valor das pessoas”.

A segunda versão do questionário (indesejável) continha os cenários seguintes:

1 - Não-união: “O António é um cigano/português que tem um primo afastado, internado no Hospital de S. João, há 15 dias. Neste período, por que está ocupado com os seus negócios, o António ainda não teve tempo para visitar o seu primo”.

2 - Racismo: “O Pedro é um cigano/português que só gosta de pessoas de cor igual à sua e acha que as pessoas da sua cor são melhores das que as outras”.

O plano experimental é um plano factorial 2 (Participante: cigano vs. português) x 2 (Conduta: desejável vs. indesejável) x 2 (Protagonista: cigano vs. português) x 2 (Dimensão: união vs. racismo).

Medidas Dependentes

As respostas foram recolhidas através de escalas de tipo Likert, em 17 pontos, graficamente adaptadas à população estudada.

Avaliação do Comportamento

A avaliação de cada uma das condutas-estímulo apresentadas, foi realizada através de quatro itens: “Pensa que o comportamento do [protagonista] é...”: (a) mau” (= 1) – bom (= 17); (b) “incorrecto” (= 1) - “correcto” (= 17); (c) “negativo” (= 1) – “positivo” (= 17); e (d) “errado” (= 1) – “certo” (= 17). Através da média das somas destes quatro itens, construímos quatro índices de *avaliação do comportamento*, α de Cronbach = 0.98, e 0.99, respectivamente para *união e racismo*.

Explicações Causais

Quatro outros itens destinavam-se a recolher as explicações causais acerca das condutas-estímulo fornecidas pelos participantes: “Pensa que [protagonista] faz isto porque”: (a) nasceu assim (interna-estável); (b) quer (interna-instável); (c) é assim que tem que ser mesmo que ele não quisesse (externa-estável); e (d) porque calhou (externa-instável). As escalas de resposta variavam entre “discordo” (=1) e “concordo” (=17). Com base nas respostas a estes itens, construímos dois índices. O índice de internalidade corresponde à subtração do valor das respostas aos itens de externalidade do valor das respostas aos itens de internalidade. Assim, um índice de internalidade com valência positiva revela uma maior tendência para as explicações internas, enquanto que uma valência negativa indica uma maior tendência para as explicações externas. O índice de estabilidade foi construído através da subtração do valor das respostas aos itens de instabilidade ao valor das respostas aos itens de estabilidade, de tal modo que um índice positivo traduz maior tendência para explicações estáveis e um índice negativo traduz maior tendência para as explicações instáveis. Um valor de zero em qualquer destes dois índices traduz um recurso idêntico, por parte dos participantes, a explicações internas e externas ou a explicações estáveis e instáveis.

Avaliação do Protagonista

Finalmente, os participantes deviam avaliar o protagonista. “Na sua opinião [protagonista]: (a) “é má pessoa” (= 1) – “é boa pessoa” (= 17); (b) “é antipático” (= 1) – “é simpático” (= 17); (c) “dá-lhe má impressão” (= 1) – “dá-lhe boa impressão” (= 17); e (d) “é desumano” (= 1) – “é humano” (= 17). Através da média das somas destes quatro itens, construímos dois índices de avaliação do protagonista, α de Cronbach = 0.93 e 0.97, respectivamente para *união* e *racismo*.

Resultados

Dado que é irrelevante detectar diferenças na escala de resposta entre os grupos cigano e português, mas sim as diferenças no modo como os participantes avaliam protagonistas do seu grupo e do grupo oposto, começámos por padronizar as respostas, transformando-as em scores z.

1 - Avaliação do Comportamento

Para analisarmos as avaliações dos comportamentos apresentados nos cenários-estímulo, submetemos estas avaliações a uma análise de variância 2 (Participante: Cigano vs. Português) x 2 (Protagonista: Cigano vs Português) x 2 (Conduta: Cenário Desejável vs. Cenário Indesejável) x 2 (Dimensão-Estímulo: União vs. Racismo). Os três primeiros factores são inter-sujeitos, e o último é intra-sujeito.

Como esperávamos, os participantes avaliaram os cenários desejáveis de forma mais positiva do que os cenários indesejáveis, tal como indicado pelo efeito simples de Conduta, $F(1,110) = 390.54, p < .001$. Este efeito é

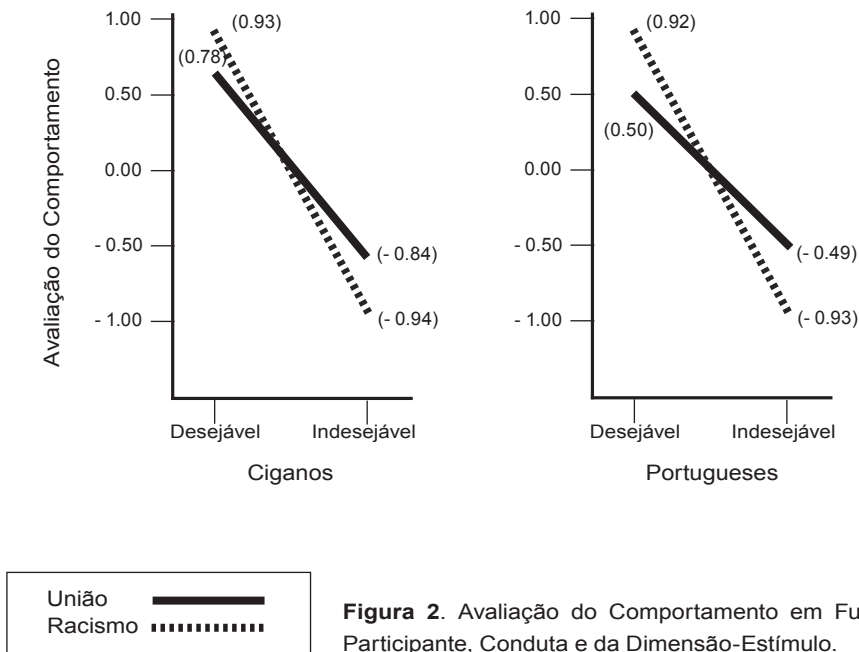


Figura 2. Avaliação do Comportamento em Função de Participante, Conduta e da Dimensão-Estímulo.

qualificado por duas interações de primeira ordem significativas: Participante x Conduta, e Participante x Relevância, respectivamente, $F(1,110) = 4.37$, $p = .039$, e $F(1,110) = 15.65$, $p < .001$. O efeito de Conduta e estas interações são explicados por uma interação significativa de Participante x Conduta x Dimensão, $F(1,110) = 4.85$, $p = .030$. Obtivemos, ainda um efeito marginalmente significativo de Participante x Protagonista, $F(1,110) = 2.98$, $p = .087$. Os restantes efeitos não são significativos, $F(1,110) < 2.14$, *ns*.

Para compreendermos melhor o padrão de médias relativo ao efeito Participante x Conduta x Dimensão, decompusemos a interação, em função de Participante. A análise revelou efeitos significativos de Conduta, tanto para os participantes ciganos como para os participantes portugueses, respectivamente $F(1,115) = 235.79$, $p < .001$ e $F(1,115) = 155.81$, $p < .001$. No entanto, a dimensão evocada no cenário afecta os julgamentos de desejabilidade, no caso dos participantes portugueses, mas não no caso dos participantes ciganos, respectivamente $F(1,115) = 18.83$, $p < .001$ e $F(1,115) = 1.68$, *ns*. De facto, como se pode observar na Figura 2, não existem praticamente diferenças entre as avaliações feitas pelos participantes ciganos aos comportamentos desejáveis das dimensões *união* e *racismo*, ou aos comportamentos indesejáveis dessas mesmas dimensões, respectivamente $t(29) = 1.45$, *ns* e $t(28) < 1$. No entanto, os participantes portugueses avaliam os comportamentos desejáveis e os comportamentos indesejáveis da dimensão *racismo*, de forma significativamente mais positiva e mais negativa do que os comportamentos desejáveis e indesejáveis da dimensão *união*, respectivamente $t(29) = 2.42$, $p = .022$ e $t(28) = 3.56$, $p = .001$. Noutros termos, para os participantes ciganos, um comportamento não-racista e um comportamento de união são igualmente positivos, e, um comportamento racista e um comportamento de não-união são igualmente negativos. Pelo contrário, para os participantes portugueses, a dimensão *racismo* parece revestir-se de uma carga valorativa superior à dimensão *união*.

Podemos concluir que, apesar destas diferenças, as dimensões escolhidas e a manipulação de desejabilidade no interior dessas dimensões, correspondem aos critérios por nós formulados, dado ambas produzirem fortes diferenças avaliativas nos dois grupos de participantes.

2 - Avaliação do Protagonista

Dado que utilizamos valores z , padronizados separadamente para cada grupo de participantes, conduzimos a análise das avaliações feitas pelos participantes em relação ao protagonista através de um plano factorial Protagonista x Conduta x Dimensão, em que Protagonista e Conduta são factores inter-sujeitos e Dimensão é um factor intra-sujeito. Esta análise revelou efeitos significativos de Conduta, Protagonista x Conduta, e Protagonista x Conduta x Dimensão, respectivamente $F(1,114) = 230.85, p < .001$, $F(1,114) = 4.09, p = .045$, e $F(1,114) = 9.68, p = .002$; F s restantes sempre $< 1.78, ns$.

Como se pode observar na Figura 3, na dimensão união, os participantes (ciganos e portugueses) avaliam mais positivamente um protagonista do endogrupo cuja conduta é socialmente desejável do que um protagonista do exogrupo cuja conduta é semelhante. Inversamente, um protagonista socialmente indesejável do endogrupo é avaliado mais negativamente do que um protagonista idêntico do exogrupo. No que diz respeito à dimensão racismo, observamos apenas julgamentos desfavoráveis do protagonista indesejável do exogrupo.

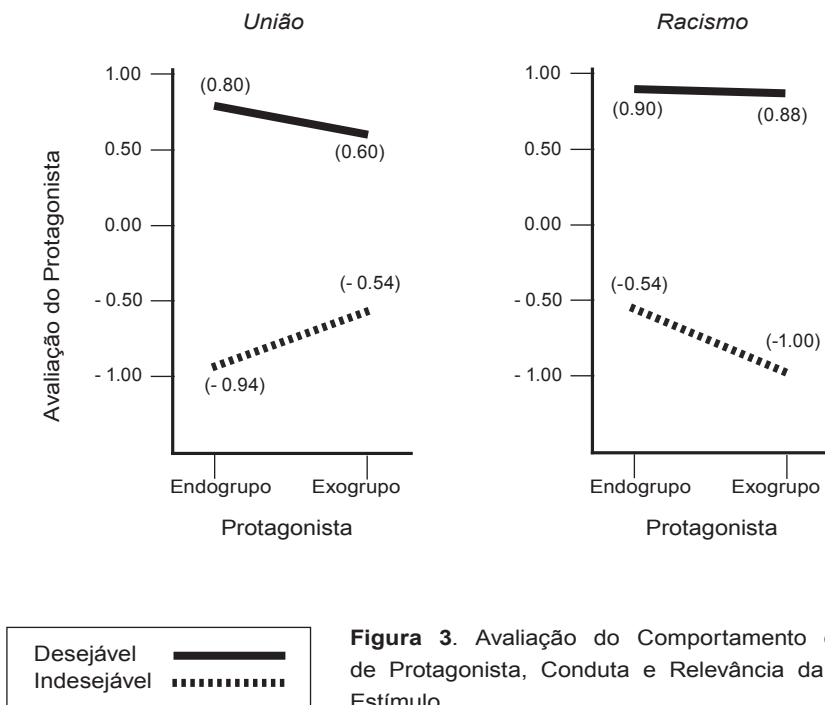


Figura 3. Avaliação do Comportamento em Função de Protagonista, Conduta e Relevância da Dimensão-Estímulo.

3 - Explicação Causal

A correlação entre os dois índices (*internalidade* e *estabilidade*) construídos a partir das explicações causais fornecidas pelos participantes é de $r = -.03$, e varia entre $r = -0.38$, *ns* e $r = -0.05$, através das condições experimentais. Analisámos as explicações causais fornecidas pelos participantes através de um plano factorial Protagonista x Conduta, tomando os dois índices como medidas repetidas. A análise revelou apenas um efeito significativo de Protagonista x Conduta x Explicação, $F(1,114) = 4.80$, $p = .031$; F s restantes sempre < 1.55 , *ns*.

Pode-se observar na Figura 4 que os participantes fornecem explicações significativamente mais internas e mais externas, respectivamente aos protagonistas desejável e indesejável do exogrupo. No que diz respeito à estabilidade, os participantes fornecem explicações mais instáveis para o comportamento indesejável do protagonista do endogrupo. No entanto, as explicações não são aplicadas diferencialmente aos membros do endogrupo. Este facto pode traduzir uma maior facilidade em fazer inferências acerca do exogrupo, eventualmente recorrendo a estereótipos socialmente construídos, que se enfraquecem com o conhecimento real mais profundo dos membros do endogrupo.

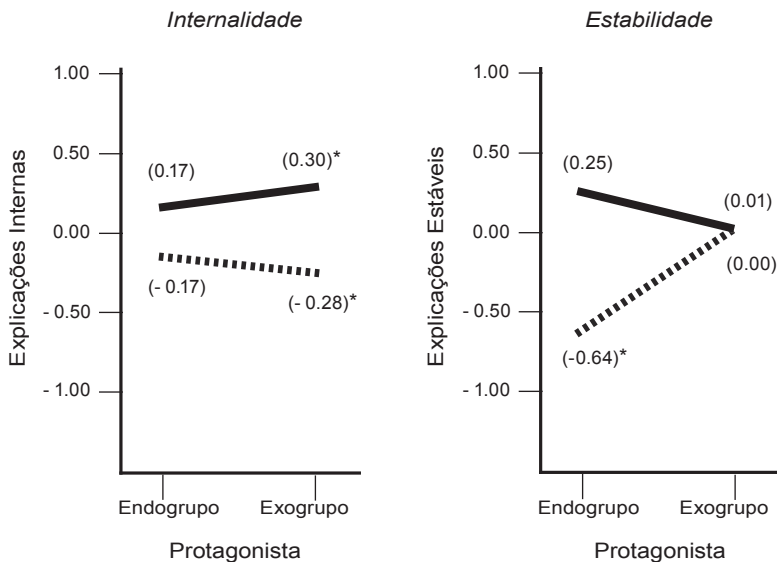


Figura 4. Internalidade e Estabilidade das Explicações do Comportamento em Função de Protagonista, Conduta e Relevância da Dimensão-Estímulo.

Nota: as médias assinaladas com * são significativamente diferentes de zero ao nível de $p < .02$, bicaudal.

O mesmo não se passa em relação à estabilidade dessas explicações. O facto de os participantes atribuírem causas marcadamente instáveis ao comportamento socialmente indesejável do protagonista do endogrupo parece revelar uma preocupação com a justificação desse comportamento. De qualquer modo, os resultados são pouco claros e parece-nos arriscado extrairmos conclusões definitivas a partir deles.

Conclusão

Os resultados obtidos neste estudo, vêm corroborar as conclusões do Estudo 2. Em primeiro lugar, estes resultados mostram uma diferença importante entre os dois grupos de participantes. Esta diferença revela-se em termos da importância atribuída às duas dimensões-estímulo. Enquanto que os participantes ciganos parecem valorizar igualmente, tanto de forma positiva como negativa, a união e o (não-)racismo, os participantes portugueses parecem atribuir uma valência mais forte ao racismo do que à união. Mais uma vez, os dados revelam a importância que tem para os membros da comunidade cigana a dimensão de união que, na comunidade portuguesa parece desempenhar um papel menos fortemente relevante.

Em segundo lugar, ambos os grupos de participantes avaliam de forma idêntica os protagonistas desejáveis e indesejáveis nas duas dimensões. Na dimensão *união*, os participantes avaliam os primeiros mais favoravelmente, e, os segundos, mais negativamente, se fazem parte do endogrupo. Na dimensão *racismo*, os participantes não diferenciam os membros desejáveis dos dois grupos, mas rejeitam claramente mais os membros indesejáveis do endogrupo do que do exogrupo.

Seria de esperar que este padrão se revelasse mais fortemente nos participantes do grupo cigano. No entanto, esta hipótese não se verificou. Parece-nos realista supôr que é a própria natureza da dimensão avaliada que determina estes diferentes padrões de julgamento, mais do que o estatuto maioritário ou minoritário do grupo de pertença dos participantes. De facto, enquanto que união traduz uma norma que, embora compreendida diferentemente pelos dois grupos (cf. Estudo 2), traduz em ambos os casos um critério regulador das relações no seio da comunidade, ou intra-grupo, (*não-*) *racismo* traduz um critério regulador das relações com o exterior, ou inter-grupos. Podemos, assim, compreender a maior relevância negativa atribuída aos membros socialmente indesejáveis do endogrupo na primeira dimensão, e aos membros socialmente indesejáveis do exogrupo, na segunda.

Estudo 4

Um dos problemas mais evidentes nos estudos psico-sociais acerca da comunidade cigana é o impacto da desejabilidade social (a auto-consciência dos respondentes e a conseqüente tendência para evitarem dar respostas interpretáveis como tradutoras de “racismo”). O objectivo deste estudo é o de aceder a respostas tradutoras das reais atitudes e expectativas dos respondentes, ultrapassando a sua preocupação com a desejabilidade social. Nesse sentido, inspirámo-nos numa série de estudos clássicos no âmbito da Cognição Social, nomeadamente, no de Darley e Gross (1983). Estes autores testaram a hipótese de que o desempenho escolar de uma criança-alvo descrita como proveniente de um meio sociocultural desfavorecido seria julgado mais desfavoravelmente do que um desempenho semelhante atribuído a uma criança descrita como proveniente de um meio mais favorecido, mesmo na ausência de informação válida para a emissão desse julgamento. Darley e Gross (1983) observaram que os participantes nos seus estudos só emitiam julgamentos acerca da criança em questão quando, apesar da ausência objectiva de informação, acreditavam possuir informação objectiva “diagnóstica” das competências dessa criança.

O objectivo geral do presente estudo é analisar o impacto das expectativas e dos preconceitos existentes em relação à comunidade cigana nos julgamentos acerca dos membros dessa comunidade por parte de participantes não-ciganos ocupando a posição de decisores potenciais quanto à sua integração. Nele replicamos parcialmente a investigação de Darley e Gross (1983),

aplicando-o a um contexto laboral e a um contexto educacional, em relação a um alvo apresentado como sendo de origem cigana ou portuguesa.

Os participantes, todos de origem não-cigana, foram informados de que o objectivo (fictício) do estudo era testar uma nova grelha de avaliação de competências escolares (Estudo 4.1) ou laborais (Estudo 4.2). Para tal, deviam examinar um conjunto de respostas (fictícias) a um teste (falso e não-diagnóstico) de competências. Os participantes avaliavam vários (supostos) respondentes ao teste, entre os quais se encontrava, segundo as condições experimentais, um respondente descrito como cigano ou português. Para além disso, o teste foi apresentado como tendo ou não tendo capacidade “diagnóstica”. O plano experimental está, assim, organizado segundo um plano factorial inter-sujeitos 2(Protagonista: Cigano vs Português) x 2(Carácter da Informação: Diagnóstico vs Não-Diagnóstico). Esperamos que, na condição Diagnóstico, os participantes diferenciem negativamente o protagonista cigano do português, e que essa diferenciação seja significativamente menor, ou mesmo inversa, na condição Não-Diagnóstico.

Uma condição de Controlo adicional não apresentava informação acerca do Protagonista. Esta condição tem o fim de comparação estatística com as avaliações do protagonista nas condições Cigano e Português, pelo que os resultados serão referidos apenas quando se justificarem pela existência de diferenças significativas nessa comparação.

Método

AMOSTRA

Os participantes são 93 docentes (Estudo 4.1) e 94 gestores (Estudo 4.2), todos não-ciganos, adultos de ambos os sexos. Em ambos os estudos, a idade e o sexo dos participantes está equilibrada através das condições experimentais. Foram interrogados, em cada sub-estudo, entre 15 e 17 participantes por condição.

PROCEDIMENTO

Um entrevistador do sexo masculino apresentava-se como sendo um assistente de investigação de uma instituição interessada em testar novos procedimentos educativos ou laborais. Os participantes foram convidados a realizar uma avaliação de indivíduos supostamente seleccionados para o efeito, de forma anónima e confidencial, para o que lhes eram fornecidas informações relevantes relativas a aspectos do seu “background” sociocultural. Foi pedido aos participantes que avaliassem objectivamente as respostas dos protagonistas no teste.

QUESTIONÁRIO

O questionário começava por apresentar os supostos objectivos do estudo: “Este estudo faz parte de um projecto de investigação que pretende desenvolver novos procedimentos de avaliação de competências ao nível do Ensino Básico [de selecção e sucesso profissional para jovens desempregados]. É neste sentido que seleccionámos um grupo de pessoas capazes de emitir opiniões claras e objectivas acerca do assunto. V. faz parte deste grupo, e a sua participação é muito importante. A sua participação é absolutamente anónima e confidencial e as suas respostas destinam-se exclusivamente a fins de investigação científica. Para além disso, as suas respostas não poderão, de forma nenhuma, afectar, positiva ou negativamente, a pessoa sobre a qual vai responder. O anonimato dessa pessoa é também absoluto. Neste sentido, retirámos todas as informações susceptíveis de permitirem a sua identificação pessoal. Nas páginas seguintes, apresentamos-lhe informações sobre um aluno ou aluna que frequentou, no ano lectivo de 1999-2000, o 7º ano de escolaridade do Ensino Básico [sobre uma pessoa que frequentou,

no ano de 1999, um curso de formação sócio-profissional]. Pedimos-lhe que, com base nessas informações, avalie o potencial escolar desse aluno ou aluna [profissional desse formando]. Esse aluno ou aluna frequenta uma escola seleccionada com base em critérios sócio-demográficos pré-estabelecidos. É evidente que não podemos pedir-lhe que avalie todos os alunos que frequentam o 7º ano dessa escola [É evidente que não podemos pedir-lhe que avalie todos os formandos que constituem a população-alvo deste estudo]. Assim deverá retirar um envelope ao acaso de uma pilha que lhe apresentaremos de seguida. É sobre a pessoa que lhe calhar que deve responder às questões apresentadas nas folhas seguintes.”

VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Manipulação do Protagonista

Após lerem uma série de instruções padronizadas acerca da metodologia de resposta às questões posteriormente colocadas, os participantes recebiam informação escrita acerca do protagonista. Essa informação dizia respeito ao sexo, nacionalidade, data de nascimento, profissão (apenas no caso do Estudo 4.2), profissão e habilitações do pai e da mãe (respectivamente, “comerciante” e “doméstica”). A profissão do protagonista, no caso do Estudo 4.2 era invariavelmente “sem-profissão”. Em ambas as condições a nacionalidade do protagonista e dos progenitores era portuguesa, mas, na Condição Cigano, esta característica figurava entre parêntesis, em frente à nacionalidade.

Manipulação do Carácter Supostamente Diagnóstico ou Não-Diagnóstico da Informação.

Na Condição Diagnóstico, um primeiro caderno apresentava as respostas supostamente dadas pelo protagonista a um teste que incluía 5 partes: (1) *Cultura Geral*, (2) *Língua Portuguesa*; (3) *Matemática*; (4) *História-Geografia*; e (5) a um desenho da figura humana. Na condição Não-Diagnóstico, os participantes viam apenas o desenho da Figura Humana, quando a pessoa a avaliar era uma criança, ou recebiam o Teste do Verbo Ser e da Identificação quando a pessoa era um adulto. O material “diagnóstico” foi elaborado com base em questões extraídas dos manuais “O Essencial para o Básico” (Porto: Edição ASA), destinados aos 5º, 7º e 9º anos de escolaridade. As respostas eram correctas ou falsas em função de um critério aleatório. Depois de examinarem as informações relativas ao protagonista, e as suas respostas ao teste, os participantes eram convidado a retirar do envelope o questionário de avaliação através do qual foram obtidas as medidas dependentes

MEDIDAS DEPENDENTES

Constituído com base no modelo do questionário de Darley e Gross (1983), o questionário continha três partes comuns a todas as condições, e uma quarta parte adicional específica da Condição Diagnóstico.

Nível de Escolaridade

Na primeira parte, os participantes deviam avaliar o nível de escolaridade que melhor correspondia às competências da pessoa: “Com base nas informações que analisou anteriormente, responda da forma mais objectiva possível às questões seguintes. Para isso, assinale, em cada questão, o nível de escolaridade que melhor corresponde às competências do [protagonista] em cada um dos critérios apresentados abaixo. Marque uma cruz (X) na casa de cada escala que corresponde ao nível adequado (4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, ou 10º ano de escolaridade)”. Os 12 critérios apresentados contemplavam (1) *competências linguísticas* (compreensão geral da língua portuguesa; língua portuguesa escrita; capacidade linguística; ortografia; vocabulário; domínio das regras gramaticais), e (2) *competências matemáticas e científicas* (domínio dos conceitos matemáticos; cálculo aritmético; domínio dos conceitos científicos); a cultura geral (conhecimentos históricos; conhecimentos geográficos). Um item era destinado a avaliar o *nível geral de escolaridade*.

Competências pessoais

e seguida, os participantes deviam avaliar o protagonista nos mesmos critérios: “Pedimos-lhe agora que avalie esse [protagonista] nos mesmos critérios. Para isso, em cada questão, marque uma cruz (X) na casa de cada escala que melhor corresponde à sua apreciação”. Cada um dos 12 itens era acompanhado duma escala de 7 pontos, cujos pólos eram *muito boa* (= 7) e *muito má* (= 1).

Características pessoais

Na terceira parte do questionário, os participantes deviam avaliar o protagonista em 22 características: “Pedimos-lhe agora que caracterize o [protagonista] segundo cada uma das dimensões seguintes. Para isso, em cada questão, marque uma cruz (X) na casa da escala que melhor qualifica o [protagonista] nessa dimensão”. Estas características estavam relacionadas com (1) *hábitos de trabalho* (*organização, orientação para a tarefa, fiabilidade, atenção, persistência*), (2) *motivação* (*envolvimento, motivação, orientação para o sucesso*), (3) *sociabilidade* (*popularidade junto dos colegas, comportamento*

verbal, cooperação, competência psicossocial), (4) maturidade emocional (autoconfiança, maturidade, humor, raciocínio moral), (5) competência cognitiva (criatividade, capacidade de aprendizagem, raciocínio lógico, capacidade de memorização, cultura geral, nível cognitivo geral). Destas medidas, 17 foram extraídas do questionário reportado por Darley e Gross (1983). A avaliação do protagonista para cada característica era dada numa escala de 7 pontos (7 = *muito positivo*; 1 = *muito negativo*). Para cada característica, era dada ao participante a possibilidade de optar por uma não-resposta, para o que deveria marcar uma cruz numa casa assinalada com um ponto de interrogação: “Se considerar que, numa ou mais dimensões, não dispõe de informação suficiente para essa qualificação, marque uma cruz na casa assinalada com um ponto de interrogação, mas utilize esta casa apenas em último recurso”.

Nível de desempenho

Os participantes da condição Diagnóstico deviam, numa quarta parte do questionário, avaliar o nível de desempenho do protagonista nos testes. A primeira questão destinava-se a avaliar a dificuldade geral dos testes examinados: “Dê uma estimativa do número de questões difíceis, de dificuldade média, e fáceis, a que o [protagonista] respondeu correctamente”. Os participantes deviam escolher, para três níveis de dificuldade (*questões fáceis, questões de dificuldade média, e questões difíceis*). Para cada nível de dificuldade era apresentada uma escala de resposta com 10 níveis (1 = 0% a 10%; 10 = 90% a 100%). Em seguida, os participantes deviam avaliar o nível de escolaridade correspondente ao teste apresentado à pessoa: “Em sua opinião, a que nível de escolaridade corresponde o teste apresentado?”. A escala de resposta apresentava 7 pontos (1 = 4º ano; 7 = 10º ano).

Apoio

Foi, então, pedido aos participantes que imaginassem que teriam a oportunidade de apoiar o protagonista. Três itens contemplavam o apoio nas actividades escolares/profissionais: (1) “Imagine que deveria apoiar este [protagonista] nas suas actividades escolares [profissionais]. Esse facto...”; (2) “Imagine que deveria apoiar esta pessoa nas suas actividades extra-escolares [extra-profissionais]. Esse facto...”; (3) “Imagine que deveria apoiar a família desta criança no sentido de otimizar o seu sucesso escolar [apoiar a família desta pessoa no sentido de otimizar o seu sucesso social]. Esse facto...”. As respostas eram dadas em escalas de 7 pontos (1 = *desagradava-lhe muito*; 7 = *agradava-lhe muito*).

Questionário Pós-Experimental

Após terem respondido a todas as questões, os participantes recebiam um questionário pós-experimental. O primeiro objectivo deste questionário era assegurar que os participantes haviam assimilado a informação sociodemográfica fornecida no início do estudo acerca do protagonista: “Pedimos-lhe que se recorde de uma série de informações e que responda de memória às questões seguintes, procurando reproduzir o mais exactamente possível as informações que lhe foram prestadas”. Os participantes deviam começar por indicar o sexo, a idade, o ano de escolaridade, a nacionalidade, as habilitações e profissão (do pai e da mãe, no caso do Estudo 4.1), e a nacionalidade do pai e da mãe, do protagonista. Os participantes deviam, em seguida, indicar os 5 temas do teste (apenas no caso dos participantes na Condição Diagnóstico).

O segundo objectivo do questionário pós-experimental era o de determinar qualquer eventual suspeição acerca dos objectivos reais do estudo: “Para nos ajudar a tirar conclusões mais fiáveis deste estudo, assim como a decidir acerca da sua aplicabilidade à população analisada, pedimos-lhe, por fim, que nos dê a sua opinião acerca dos aspectos seguintes”. Os participantes eram convidados a responder livremente às questões “Escreva nas linhas abaixo qual a informação que considerou mais útil para a determinação das competências do protagonista”, “Em sua opinião, este estudo tem aplicabilidade prática?”, “Em sua opinião, em que medida pode este estudo contribuir para melhorar o sucesso escolar no Ensino Básico [a reintegração sócio-profissional]?”, “Com que objectivos complementares poderiam, em sua opinião, ser utilizados os resultados deste estudo?” e “Se o desejar, utilize estas linhas para escrever outros comentários a este estudo. Se for necessário, continue no verso desta página”. Para cada questão, os participantes dispunham de 5 linhas de resposta.

Resultados

Estudo 4.1: Competências Escolares

1 - Nível de Competências Escolares

Uma análise factorial em componentes principais realizada sobre as respostas relativas à avaliação do nível de competências escolares da criança extraiu um único factor, com valor próprio superior a um, explicativo de 74.08% da variância total. Dada a consistência interna elevada dos itens (α de Cronbach = .97), constituímos uma escala-soma do conjunto desses itens. Em seguida, efectuámos uma análise da variância Protagonista (Cigano vs. Português) x Informação (Diagnóstico vs. Não-Diagnóstico) sobre essa escala.

A análise revelou efeitos significativos de Protagonista e de Protagonista x Informação, respectivamente, $F(1,59) = 7.95$; $p = .007$, e $F(1,59) = 6.75$, $p = .012$. O efeito de Informação não é significativo, $F(1,59) = .08$, *ns*. O efeito de Protagonista revela uma avaliação mais fraca do nível escolar da criança cigana do que da criança portuguesa, respectivamente, $M = 2.59$, e $M = 3.32$. Como se pode observar na Figura 5, a interacção Protagonista x Informação, qualifica este efeito, mostrando que a diferença se deve exclusivamente à diferença entre as avaliações da criança Cigana e Portuguesa na condição Não-Diagnóstico. Noutros termos, quando a informação é diagnóstica, os participantes atribuem níveis idênticos de competência escolar a uma criança cigana e a uma criança portuguesa (respectivamente, $M = 2.89$ e $M = 2.95$). No entanto, na ausência de informação diagnóstica a criança cigana é considerada como tendo um nível escolar inferior ao da criança portuguesa, respectivamente, $M = 2.29$ e $M = 3.69$; $t(29) = 3.22$, $p = .003$. De facto, na condição Não-Diagnóstica, a criança cigana é colocada um pouco acima do 5º ano, enquanto que a cigana portuguesa é colocada próximo do 7º ano de escolaridade. Pode ainda notar-se, na Figura 5, uma diferença significativa entre os níveis de escolaridade atribuídos às crianças cigana e portuguesa em função do carácter da informação. Enquanto o nível escolar atribuído à criança cigana tende a ser mais elevado na condição Diagnóstico do que na condição Não-Diagnóstico, passa-se o inverso no caso da criança portuguesa, respectivamente $t(30) = 1.85$, $p = .037$, e $t(29) = 1.84$, $p = .039$ (ambos os testes uni-caudais).

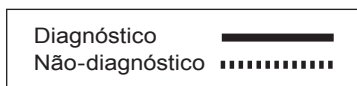
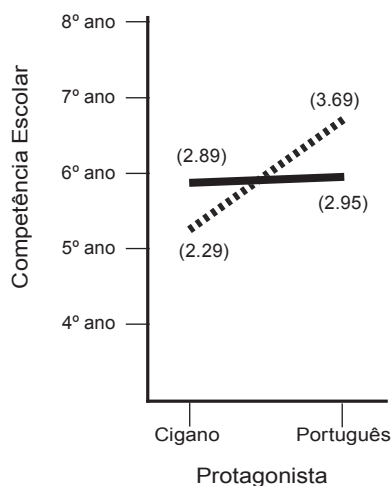


Figura 5. Nível de Competência Escolar em Função do Protagonista e do Carácter Diagnóstico da Informação

Dois outros resultados apoiam a ideia de que a informação não diagnóstica aumenta o carácter discriminatório dos julgamentos dos participantes. Por um lado, a comparação das avaliações das crianças cigana e portuguesa com as avaliações da criança na condição de controlo, revela uma diferença entre a criança cigana e a criança neutra na condição Não-Diagnóstico (nível de competência escolar da criança neutra: $M = 3.25$, $t(30) = 2.48$, $p = .019$). Por outro lado, o nível escolar atribuído pelos participantes à criança cigana é significativamente inferior ao nível declarado na apresentação do próprio estudo, $t(15) = 6.27$, $p < .001$.

2 - Competências Pessoais

Uma análise factorial em componentes principais realizada sobre as avaliações das competências pessoais do protagonista extraiu dois factores com valores próprios superiores a um (cf. Quadro 10). Uma rotação *varimax* destes dois factores, revela que eles agrupam, respectivamente, as competências linguísticas, a que se junta o nível geral de escolaridade, e as competências científicas de forma geral.

	Factor	
	I	II
Porcentagem de variância explicada	40.95%	31.19%
α de Cronbach	.94	.88
Ortografia	.87	.11
Vocabulário	.83	.27
Capacidade linguística	.79	.39
Compreensão geral da língua portuguesa	.77	.26
Domínio das regras gramaticais	.74	.49
Língua portuguesa escrita	.70	.46
Nível geral de escolaridade	.65	.55
Cálculo aritmético	.15	.89
Domínio dos conceitos matemáticos	.20	.83
Conhecimentos geográficos	.51	.70
Domínio dos conceitos científicos	.47	.60
Conhecimentos históricos	.50	.59

Quadro 10. Competências Pessoais. Análise Factorial em Componentes Principais Após Rotação Varimax.

Como se pode verificar através da análise dos valores do α de Cronbach no Quadro 10, a consistência interna dos factores é elevada. Assim, constituímos duas escalas-soma de competências pessoais, calculando a média dos itens

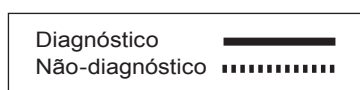
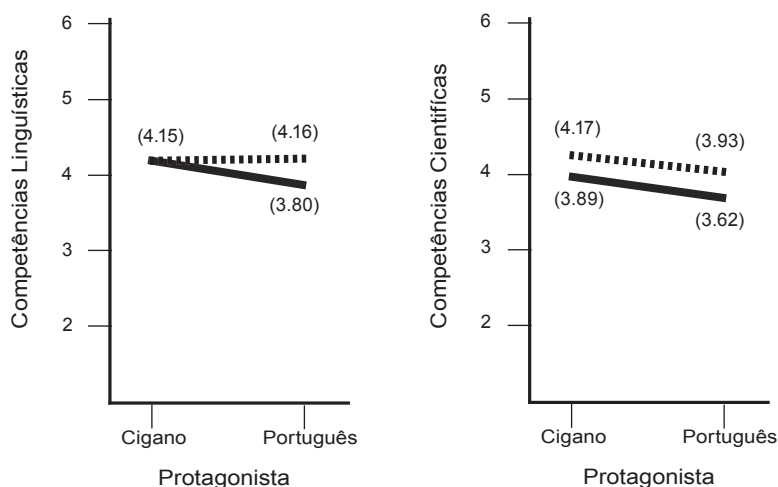


Figura 6. Competências Pessoais em Função da Protagonista e da Informação.

agrupados em cada factor. A Figura 6, apresenta as médias destas escalas nas quatro condições experimentais. No entanto, a análise da variância Protagonista x Informação aplicada a estas médias não revelou efeitos significativos.

3 - Características Pessoais

Uma análise factorial em componentes principais aplicada às avaliações das características do protagonista evidenciou duas dimensões com valor próprio superior a um. Como se pode ver no Quadro 11, o primeiro factor agrupa os itens de motivação-cognição, enquanto que o segundo reúne os itens de sociabilidade.

	Factor	
	I	II
Percentagem de variância explicada	42.44%	30.00%
α de Cronbach	.96	.89
Orientação para o sucesso	.86	.17
Motivação	.85	.33
Organização	.85	.16
Persistência	.84	.29
Atenção	.81	.37
Capacidade de aprendizagem	.77	.44
Raciocínio lógico	.73	.51
Comportamento verbal	.72	.56
Envolvimento	.72	.50
Cultura geral	.71	.52
Fiabilidade	.70	.38
Orientação para a tarefa	.67	.44
Nível cognitivo	.63	.31
Capacidade de memorização	.60	.60
Criatividade	.58	.54
Raciocínio moral	.18	.88
Competência psicossocial	.35	.83
Cooperação	.21	.83
Maturidade	.36	.73
Popularidade junto dos colegas	.37	.71
Humor	.42	.59

Quadro 11. Características Pessoais. Solução Factorial após Rotação Varimax.

Dada a elevada consistência interna de ambos os factores, tal como anteriormente, construímos duas escalas, de motivação-cognição e de sociabilidade. Submetemos, em seguida, as médias das duas escalas (cf. Figura 7) a uma análise de variância Protagonista x Informação. Tal como no caso das competências pessoais, também a análise das características pessoais não revelou efeitos significativos.

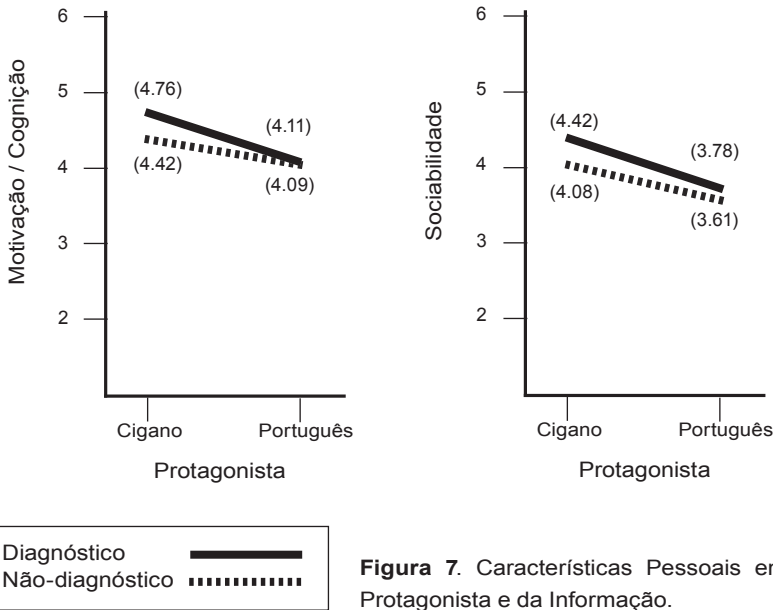


Figura 7. Características Pessoais em Função do Protagonista e da Informação.

Uma comparação das médias de sociabilidade apresentadas na Figura 7 com a média de sociabilidade atribuída ao protagonista na condição Controlo, revela uma diferença significativa entre esta última condição e a condição Cigano/Diagnóstico. Nesta condição, a criança cigana é considerada como mais sociável do que a criança da condição Controlo, $M = 3.24$; $t(30) = 2.48$, $p = .019$. Este resultado parece traduzir um esforço por parte dos participantes para apresentar uma avaliação positiva da criança cigana, numa dimensão que não está correlacionada com os resultados escolares.

4 - Não-Respostas por Insuficiência de Informação

Comparámos igualmente a frequência de características não avaliadas por falta de informação suficiente nas quatro condições experimentais. Um teste do χ^2 aplicado a estas frequências revela diferenças significativas entre as

Figura 8, o número de não-respostas é semelhante para a criança cigana tanto na condição Diagnóstico como na condição Não-Diagnóstico. No entanto, quando a criança é portuguesa, o número de não-respostas na condição Diagnóstico é significativamente superior ao da condição Não-Diagnóstico, $\chi^2(1) = 31.30, p < .001$. Para além disso, a maior dificuldade revelada pelos participantes na avaliação da criança cigana na ausência de informação diagnóstica, é ilustrada pela comparação com o número de não-respostas observado na condição Controlo, $\chi^2(1) = 37.52, p < .001$.

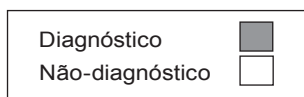
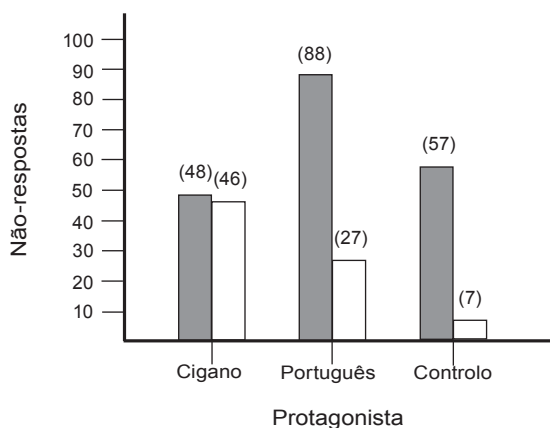


Figura 8. Frequências de Não-Respostas por Informação Insuficiente.

Estes resultados indicam que, para os participantes, foi mais fácil avaliar uma criança neutra (condição Controlo) e, em menor grau, uma criança descrita como portuguesa, do que uma criança tipificada como sendo cigana. Pelo contrário, quando se puderam apoiar em “informação” supostamente diagnóstica, parece ter sido mais fácil para os participantes inferirem sobre as características da criança cigana do que sobre as características de uma criança neutra, sendo essa inferência mais difícil quando se trata de uma criança portuguesa. Noutros termos, a aparente prudência inferencial dos participantes na ausência objectiva de informação, atenua-se no contexto de um julgamento acerca de um protagonista cigano.

5 - Nível de Desempenho

Para analisarmos as avaliações acerca do nível de desempenho do protagonista, comparámos as estimativas da proporção de questões

“fáceis”, “de dificuldade intermédia” e “difíceis” correctamente respondidas (cf. Figura 15), através de uma análise de variância tomando Protagonista e Informação como factores inter-sujeitos e o nível de dificuldade como factor intra-sujeitos. A análise da variância revelou apenas um efeito significativo do nível de dificuldade, $F(2,60) = 30.37, p < .001$ (todos os F s restantes $< 1.24, ns$). Este resultado indica que, do ponto de vista dos participantes, independentemente da condição do protagonista, a criança respondeu a um número significativamente superior de questões fáceis, do que de questões de dificuldade média, ou ainda, de questões difíceis (todas as diferenças significativas para $p < .001$).

No que respeita à estimativa do nível de escolaridade correspondente ao teste, encontramos um efeito marginalmente significativo de Protagonista, $F(1,30) = 3.23, p = .082$. Do ponto de vista dos participantes, a criança cigana teria respondido a um teste de nível significativamente mais fácil do que a criança portuguesa, respectivamente $M = 3.50$ e $M = 4.21$). Este resultado parece-nos particularmente interessante, na medida em que revela um processo relativamente sofisticado de discriminação em relação à criança cigana. De facto, embora não tenham diferenciado as duas crianças em termos dos seus níveis de desempenho (cf. acima), os participantes consideram que, no caso da criança cigana, o teste corresponde a um nível de escolaridade próximo do 6º ano, enquanto que, no caso da criança portuguesa, o mesmo teste corresponderia a um nível ligeiramente superior ao 7º ano.

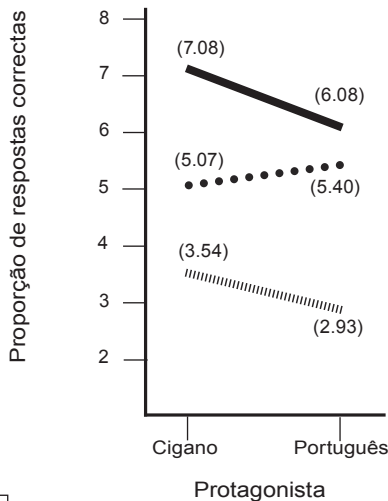


Figura 9. Estimativas das Proporções de Questões Correctamente Respondidas.

De forma consistente com a interpretação feita acima, pode ainda notar-se que uma comparação do nível de escolaridade correspondente ao teste, na condição Protagonista Cigano e na Condição Controlo ($M = 4.29$) revela uma diferença marginalmente significativa, $F(1,29) = 3.62, p = .067$. Pelo contrário, não há diferença entre o nível do teste da criança portuguesa e da criança neutra, $F(1,29) = .02, ns$. Em suma, o nível de escolaridade atribuído ao teste na condição Protagonista Cigano é inferior ao que lhe é atribuído nas restantes condições.

6 - Apoio

Os três itens que contemplavam a possibilidade de apoiar a criança em actividades escolares, extra-escolares, ou capaz de otimizar o seu sucesso social foram agrupados (α de Cronbach = .78). A Figura 10 mostra as médias da escala-soma destes três itens.

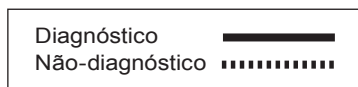
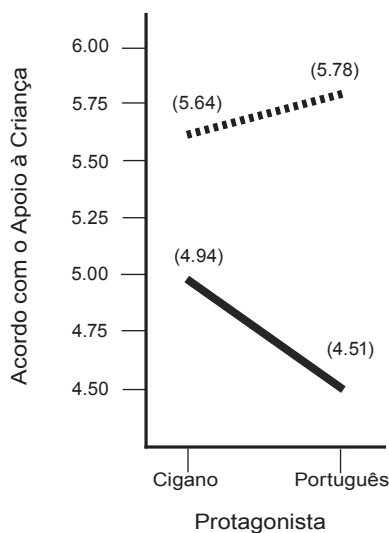
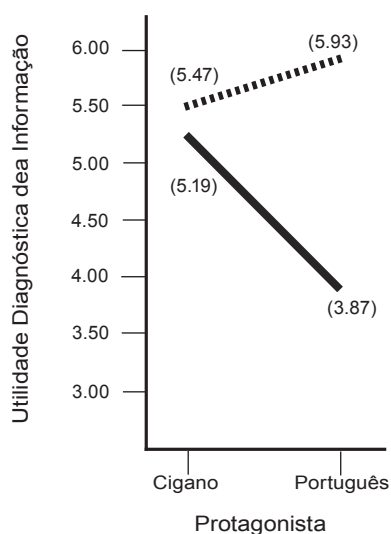


Figura 10. Nível de Acordo com um Apoio à Criança.

A análise da variância aplicada a estas médias revela um efeito de Informação, indicando que os participantes na condição Não-Diagnóstico se mostram mais dispostos a apoiar a criança do que os participantes na condição Diagnóstico, $F(1,59) = 15.52, p < .001$.

7 - Verificação da Manipulação Experimental

No que respeita à opinião sobre a utilidade da informação socio-demográfica como indicador da competência escolar, a análise da variância revela um efeito de Informação, $F(1,59) = 9.62$, $p = .003$. Os participantes na condição Não-Diagnóstico consideraram a informação socio-demográfica como sendo mais útil do que os participantes na condição Diagnóstico, respectivamente, $M = 5.69$ e $M = 4.53$. Obtivemos igualmente uma interacção significativa entre Protagonista e Informação, $F(1,59) = 5.58$, $p = .021$. Esta interacção revela que essa informação é considerada menos útil quando a criança é portuguesa e na condição Diagnóstico do que na condição Não-Diagnóstico, $t(29) = 3.68$, $p = .001$. Para além disso, na condição Diagnóstico, a informação é julgada como menos útil quando a criança é portuguesa do que quando ela é cigana, $t(30) = 2.18$, $p = .037$ (cf. Figura 11).



Diagnóstico ———
Não-diagnóstico ·····

Figura 11. Utilidade Diagnóstica da Informação Socio-Demográfica.

8 – Suspeição

À questão de saber se o teste tinha aplicabilidade prática, os participantes responderam, em média, 1.37 (1 = *Sim*), não se tendo verificado diferenças significativas através das condições experimentais. No que respeita a disposição para colaborar noutros estudos, a análise da variância Protagonista x Informação revelou um efeito significativo de Informação. Curiosamente, os participantes na condição Diagnóstico mostraram-se significativamente menos dispostos a colaborar do que os da condição Não-Diagnóstico, respectivamente, $M = 4.11$ e $M = 5.29$, $F(1,59) = 8.86$, $p = .004$. Note-se, no entanto, que estes participantes se revelam significativamente menos dispostos a uma colaboração posterior na condição Português do que na condição Controlo, respectivamente, $M = 3.67$ e $M = 5.00$, $t(29) = 2.55$, $p = .016$.

Estudo 4.2: Competências Profissionais

A análise dos dados relativos ao estudo sobre a percepção das competências profissionais num Protagonista adulto é idêntica, salvo excepções pontuais, à análise reportada acima.

1 - Nível de Competências

A análise factorial em componentes principais aplicada às avaliações do nível de competências escolar do Protagonista extraiu dois factores, com valores próprios superiores a um. Estes factores incluem, respectivamente, as competências linguísticas e as competências científicas, juntando-se a estas últimas o nível geral de escolaridade. O Quadro 12 apresenta a organização dos itens nestes factores após rotação varimax.

	Factor	
	I	II
Percentagem de variância explicada	38.30%	35.26%
α de Cronbach	.91	.92
Língua portuguesa escrita	.83	.31
Compreensão geral da língua portuguesa	.81	.26
Capacidade linguística	.79	.34
Vocabulário	.77	.39
Ortografia	.76	.25
Domínio das regras gramaticais	.66	.57
Domínio dos conceitos matemáticos	.22	.88
Cálculo aritmético	.22	.84
Domínio dos conceitos científicos	.49	.72
Conhecimentos históricos	.39	.71
Conhecimentos geográficos	.37	.69
Nível geral de escolaridade	.62	.66

Quadro 12. Nível de Competências Escolares. Solução Factorial após Rotação Varimax.

Dada a elevada consistência interna das duas dimensões, constituímos duas escalas-soma, sobre as quais efectuámos uma análise da variância Protagonista x Informação. A análise revelou um efeito significativo de Informação, tanto para a avaliação do nível de competências linguísticas,

como para a avaliação do nível de competências científicas, respectivamente, $F(1,58) = 11.20$, $p = .001$, e $F(1,58) = 5.75$, $p = .020$. Em ambos os casos, os participantes na condição Diagnóstico atribuíram um nível de escolaridade mais elevado ao Protagonista (competências linguísticas: condição Diagnóstico: 4.42; Não-Diagnóstico: 3.41; competências científicas: condição Diagnóstico: 4.02; Não-Diagnóstico: 3.30). Para a avaliação das competências científicas obtivemos igualmente uma interacção Protagonista x Informação quase significativa, $F(1,58) = 3.84$, $p = .055$. Esta interacção revela que, a diferença nas duas condições é significativa apenas na avaliação do Protagonista cigano $t(28) = 2.98$, $p = .006$ (cf. Figura 12). Na condição Não-Diagnóstico, o protagonista cigano é colocado abaixo do 6º ano de escolaridade, enquanto que na condição Diagnóstico, o nível que lhe é atribuído ultrapassa o 7º ano de escolaridade.

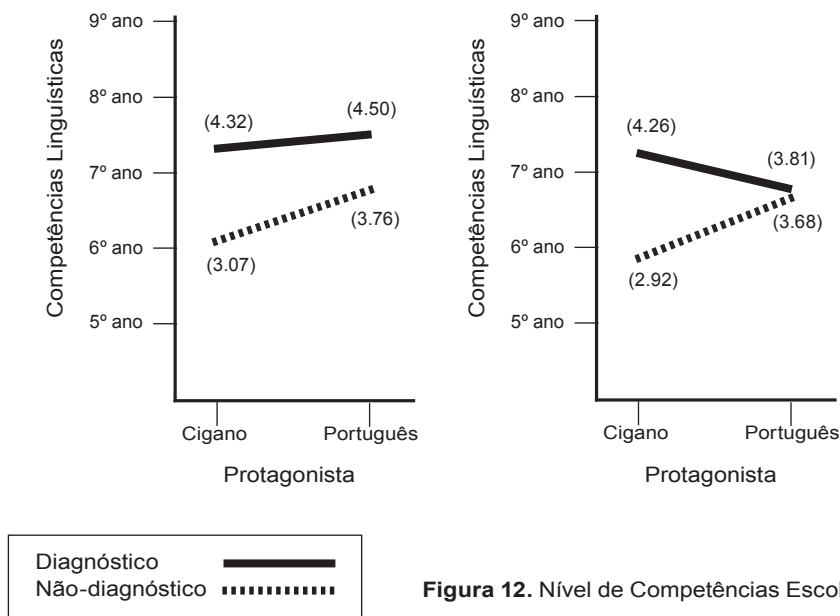


Figura 12. Nível de Competências Escolares.

De modo consistente com os resultados obtidos no Estudo 4.1, é na condição Não-Diagnóstico que a avaliação do nível escolar do protagonista cigano é mais fraca. Pelo contrário, na condição Diagnóstico, o nível escolar atribuído protagonista cigano é, particularmente no que respeita às competências científicas, mais elevado. Embora esse nível não se diferencie do que é atribuído ao protagonista português, diferencia-se, mesmo assim, da avaliação do protagonista na condição Controlo, $M = 3.32$, $t(28) = 2.32$, $p = .028$.

2 - Competências Pessoais

Uma segunda análise factorial em componentes principais aplicada às avaliações das competências pessoais extraiu três factores principais, com valores próprios superiores a um. Após rotação varimax, verificamos que esses três factores agrupam as competências linguísticas (Factor 1), as competências matemático-científicas (Factor 2), e a cultura geral e o nível geral de escolaridade (Factor 3; cf. Quadro 13).

	Factor		
	I	II	III
Percentagem de variância explicada	32.00%	21.46%	18.26%
Índice de Cronbach	.88	.88	.82
Capacidade linguística	.81	.11	.23
Língua portuguesa escrita	.79	.02	.22
Compreensão geral da língua portuguesa	.74	.11	.22
Ortografia	.72	.32	.04
Domínio das regras gramaticais	.72	.34	.17
Vocabulário	.68	.41	.11
Cálculo aritmético	.17	.92	.19
Domínio dos conceitos matemáticos	.25	.85	.21
Domínio dos conceitos científicos	.24	.64	.38
Conhecimentos históricos	.21	.23	.85
Conhecimentos geográficos	.13	.21	.86
Nível geral de escolaridade	.55	.32	.56

Quadro 13. Competências Pessoais. Solução Factorial após Rotação Varimax.

De novo, e dada a elevada consistência interna dos três factores, constituímos três escalas-soma, correspondentes cada uma a um desses factores. Uma análise de variância efectuada sobre as médias dessas escalas nas quatro condições experimentais revelou efeitos significativos de Protagonista e de Informação sobre as avaliações de competências linguísticas, respectivamente $F(1,58) = 5.47$, $p = .023$, e $F(1,58) = 15.31$; $p < .001$. Estes efeitos indicam, respectivamente, que os participantes atribuem menor competência linguística ao protagonista cigano do que ao português, respectivamente, $M = 3.34$ e $M = 3.76$, e que os participantes da condição Diagnóstico atribuem uma competência inferior a ambos os protagonistas do que os participantes na condição Não-Diagnóstico, $M = 3.21$ e $M = 3.56$,. (cf. Figura 13).

Pode ainda notar-se na Figura 13 que no que respeita às competências linguísticas, a avaliação do protagonista cigano é inferior à avaliação do português e inferior à avaliação do protagonista da condição Controlo Não-Diagnóstica, $M = 3.46$, $t(28) = 2.59$, $p = .015$.

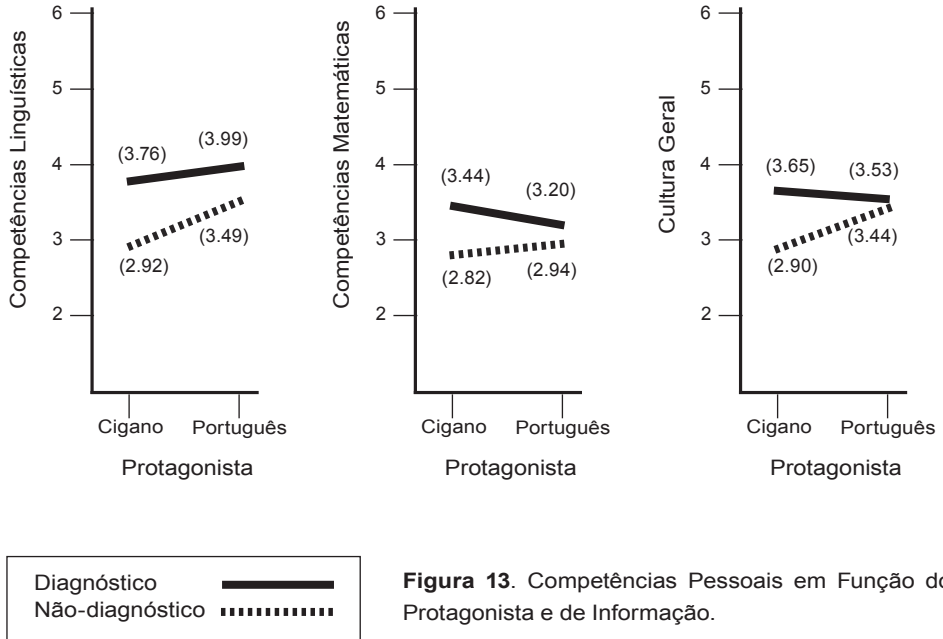


Figura 13. Competências Pessoais em Função do Protagonista e de Informação.

3 - Características Pessoais

O número elevado de não-respostas torna irrelevante qualquer conclusão extraída de uma factorização dos itens relativos às características pessoais. De facto, apenas 23 participantes responderam a todas essas características, tendo optado pela possibilidade de não-resposta,. Desta forma, não é possível efectuar esta análise.

4 - Não-Respostas por Ausência de Informação

Conforme o referido anteriormente, a frequência de características não avaliadas por ausência de informação suficiente é particularmente elevado (cf. Figura 14). Para além disso a frequência de não-respostas na condição Protagonista Não-Cigano é superior à frequência de não-respostas na condição Protagonista Português, respectivamente, $N = 186$ e $N = 142$, $\chi^2(1) = 5.64$, $p < .05$.

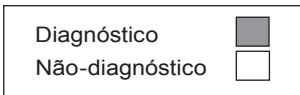
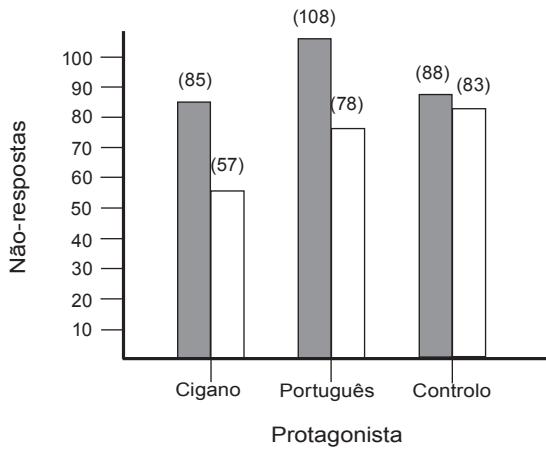


Figura 14. Frequências de Não-Respostas por Informação Insuficiente.

5 - Nível de Desempenho

Como no estudo anterior, comparámos as três estimativas acerca da proporção de questões correctamente respondidas nos três níveis de dificuldade (fácil, moderada, difícil). A Figura 21 apresenta os resultados. A análise da variância, tomando o nível de dificuldade como factor intra-sujeitos e Protagonista e Informação como factores inter-sujeitos revelou um efeito significativo do nível de dificuldade, $F(2,58) = 49.49$ $p < .001$. Este efeito indica que, do ponto de vista dos participantes o protagonista teria respondido a um número significativamente superior de questões fáceis, do que de questões de dificuldade moderada, ou difíceis (todas as diferenças significativas para $p < .001$). No entanto, não se evidenciam efeitos de Protagonista, nem de interacção entre o nível de dificuldade e Protagonista.

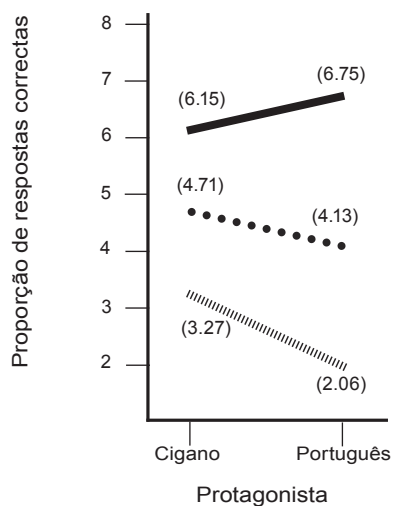


Figura 15. Estimativas das Proporções de Questões Correctamente Respondidas.

No que respeita ao nível de escolaridade correspondente ao grau de dificuldade do teste, não encontramos efeito significativo de Protagonista, $F(1,29) = .14$, *ns*. O teste correspondia, segundo os participantes, a um nível de escolaridade do 7º ano, $M = 4.08$ e $M = 4.11$, respectivamente nas condições Cigano e Português

6 – Apoio

Os três itens que contemplavam a possibilidade de apoiar o protagonista em actividades profissionais, extra-profissionais, ou capazes de otimizar o seu sucesso social foram agrupados, com base num valor α de Cronbach = .74. A Figura 16 mostra as médias das somas dos três itens em função do Protagonista e de Informação. Pode observar-se, nesse quadro, que o nível de acordo para fornecer apoio ao protagonista é inferior ao que fora obtido no Estudo 4.1. Para além disso, a análise da variância aplicada a estas médias não revelou efeitos significativos.

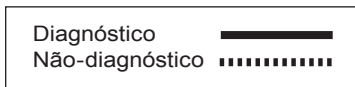
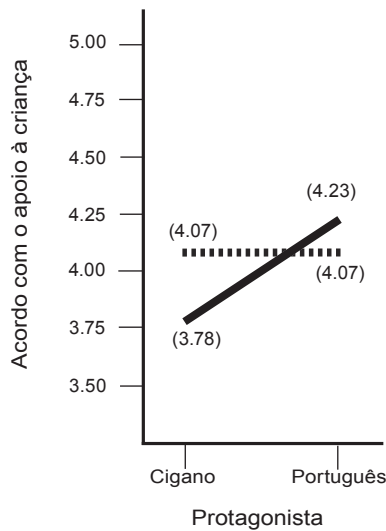


Figura 16. Nível de Acordo com um Apoio ao Protagonista.

7 - Verificação da Manipulação Experimental

No que respeita à opinião sobre a utilidade da informação socio-demográfica como indicador da competência profissional, a análise da variância não revelou efeitos significativos. De forma geral, os participantes não consideram a informação socio-demográfica muito relevante, $M = 4.23$.

8 – Suspeição

À questão de saber se o teste tinha aplicabilidade prática, os participantes mostraram-se menos reservados do que os participantes do Estudo 4.1, sendo a média geral de 1.18 (1 = *Sim*). Para além disso, não se verificaram diferenças significativas em função das condições experimentais.

No que respeita à disposição para colaborar em estudos subsequentes, a análise da variância Protagonista x Informação revela um efeito marginalmente significativo de Protagonista, $F(1,58) = 3.06$, $p = .085$. Embora, de forma geral, os participantes se mostrem moderadamente favoráveis a colaborar noutros estudos, os participantes na condição Cigano mostram-se tendencialmente menos dispostos a colaborar do que os participantes na condição Português, respectivamente, $M = 4.53$ e $M = 5.16$.

Conclusão

Os resultados dos dois estudos reportados acima mostram, de forma consistente, a existência de uma discriminação do protagonista cigano que se manifesta de forma subtil, e, provavelmente, não-controlada cognitivamente, por parte dos participantes. Em primeiro lugar, embora a informação prestada à partida seja idêntica, na ausência de informação diagnóstica, os protagonistas ciganos, criança e adulto, são incluídos em níveis de escolaridade inferiores ao dos protagonistas portugueses. No caso do adulto, este facto ocorre, apenas em relação às competências científicas. No entanto, as competências linguísticas do protagonista adulto cigano são consideradas menores do que as competências do protagonista adulto português.

Em segundo lugar, quando dispõem de informação diagnóstica, os participantes parecem ter hesitado mais em fazer inferências sobre as características dos protagonistas portugueses do que ciganos. Em terceiro lugar, no caso da criança, embora não existam diferenças na proporção de questões de vários graus de dificuldade percebidas pelos participantes como tendo sido correctamente respondidas pelos protagonistas cigano e português, os participantes mostraram-se de acordo em atribuir um nível inferior ao teste respondido pela criança cigana por comparação ao mesmo teste respondido pela criança portuguesa.

É um facto que estes resultados não revelem um preconceito manifesto em relação aos ciganos. Mas julgamos que tal manifestação não corresponderia às normas sociais através das quais se declaram as “novas formas” de preconceito (cf, Vala, Brito & Lopes, 1999). Potencialmente mais difícil de detectar, e, eventualmente de combater, é esta emergência de um processo discriminatório menos focalizado num juízo negativo acerca do protagonista do que na desvalorização do seu desempenho. Notemos, no entanto, que os resultados obtidos abrem uma perspectiva optimista acerca deste problema.

De facto, a discriminação subtil que pudemos observar revelou-se unicamente na ausência de informação legitimadora do juízo discriminatório, ou seja na condição não-diagnóstica, na qual os participantes se mostraram mais capazes de fazer inferências sobre o protagonista cigano do que sobre o protagonista português. Quando dispunham de informação objectiva, os participantes não diferenciaram o desempenho dos protagonistas cigano e português. Este facto abre, talvez, uma via interessante para a intervenção ao nível da integração

dos ciganos, se esta for, de facto, por eles desejada (cf, estudos 1 e 2). A discriminação subtil surge, sobretudo em condições que reproduzem a real ausência de informação individualizante acerca dos membros da comunidade cigana que encontramos, junto da comunidade maioritária no quotidiano. O confronto desta última com esse tipo de informação poderá contribuir para uma percepção das competências dos membros da comunidade cigana enquanto indivíduos particulares, mais do que enquanto elementos associados de modo indiferenciado ao estereótipo do seu grupo.

Conclusões

Podemos considerar que uma componente significativa da dinâmica social é a exclusão mútua entre grupos e, em certos casos, a procura de inclusão ou a tentativa individual de mobilidade de grupos desfavorecidos para grupos favorecidos. Um processo através do qual essa inclusão pode ser conseguida é a construção de uma identidade comum através da reorganização das fronteiras sociais entre os grupos (Gaertner, Dovidio, Nier, Ward, Banker, & Prentice, 1999). No entanto, existem limites para este processo de recategorização. Um desses limites prende-se com a motivação, por parte dos membros de grupos maioritários para a fusão com grupos portadores de imagem associada a preconceitos negativos. Podemos assim colocar a questão de saber em que circunstâncias os membros de um grupo maioritário adoptam uma perspectiva favorável, em termos de sentimentos e avaliações, em relação a membros de um grupo minoritário? Por outro lado, em que circunstâncias os membros de um grupo minoritário estão dispostos a prescindir de uma identidade forte, por eles valorizada de forma positiva pelo menos em certos aspectos centrais, e a assumir uma identidade dualística, marcada, por um lado, pela sua pertença real minoritária e por uma pertença ideal ao grupo maioritário?

No contexto da dinâmica social referida acima, os ciganos são, sem dúvida, um grupo minoritário particular. Por um lado, trata-se de um grupo claramente estigmatizado. Por outro lado, como podemos observar nos Estudos 1-3, trata-se

de um grupo estigmatizado que valoriza, simultaneamente, as características que o distinguem da maioria (por exemplo, a independência e a liberdade ao nível laboral, ou a coesão psicossocial) e as características próprias desta maioria (o trabalho estável ou o acesso a certas práticas sociais) e que surgem, em muitos casos, como contraditórias.

Os membros da comunidade cigana, adultos ou crianças, confrontam-se frequentemente com práticas maioritárias que os excluem, de forma simplista e negativa à partida, provavelmente devido ao facto de constituírem um grupo relativamente pouco numeroso, pouco familiar e ainda considerado como “estrangeiro” pela maioria (cf. Mullen, Rozell, & Johnson, 2000). A investigação demonstra que este tipo de práticas ostracisantes conduz frequentemente à adopção de características anti-sociais e auto-destructivas, e de respostas mais agressivo-defensivas à provocação externa (Williams, Cheung & Choi, 2000). Estas características são reconhecidas pelos participantes ciganos dos nossos estudos. Mas a mesma investigação demonstra também que uma resposta social de certos grupos minoritários à exclusão é um forte sentimento de pertença e de assimilação endogrupal (Brewer, 1999). É essa integração, que, sem dúvida vai a par da rejeição de que se sentem alvo por parte da comunidade maioritária, que pudemos observar nos estudos 1-3.

Esta rejeição nem sempre é evidente, embora, provavelmente, não deixe de ser sentida por isso. Ela pode traduzir-se, mais do que na expressão imediata de um preconceito ou na adopção de um comportamento discriminatório claro, sob a forma de uma atitude aparentemente positiva mas mesmo assim diferenciadora entre ciganos e não-ciganos, como o mostra o nosso Estudo 4.

Terminaremos, salientando que temos consciência de que são mais as questões levantadas pelos nossos estudos do que as respostas que fornecem. A realização de estudos no âmbito da psicologia social junto da comunidade cigana é tanto quanto sabemos inexistente. Pelo contrário, a literatura é abundante no domínio das percepções que os membros dos grupos maioritários possuem em relação a esta comunidade. A importância desses estudos é indiscutível. Porém, parece-nos, pelo menos igualmente importante, “dar a palavra aos ciganos”. As dificuldades metodológicas e procedimentais que encontrámos devem-se, em parte, a esta ausência de estudos focalizados directamente nesta comunidade. Esperamos que o presente trabalho possa contribuir para a colmatar.

Bibliografia

BREWER, M. (1999). Multiple identities and identity transition: Implications for Hong Kong. International-Journal-of-Intercultural-Relations, 23, 187-197.

BRICKLEY, V. C. (1982). Language as the bridge. In S. Brochner (Ed.) Cultures in contact: Studies in cross-cultural interaction. Oxford: Pergamon Press.

CIALDINI, R. B., & TROST, M. R. (1998). Social influence: norms, conformity, and compliance. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.) The handbook of social psychology (Vol. 2, pp. 151-192). Boston, MA: McGraw-Hill.

DARLEY, J. M. & GROSS, P. H. (1983). A hypothesis-confirming bias in labeling effects. Journal of Personality and Social Psychology, 44, 20-33.

DECONCHY, J. P. (1971). L'orthodoxie religieuse: Essai de logique psycho-sociale. Paris: Les Éditions Ouvrières.

Di Giacomo, J. P. (1986). Alliances et rejets intergroupes au sein d'un mouvement de revendication. In W. Doise e A. Palmonari (Eds.) L'étude des représentations sociales. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.

DOISE, W, Mugny, J. e DESCHAMPS, J-C (1978) Psychologie Social Expérimentale. Paris, Dunod.

DOISE, W. & PALMONARI, A. (Eds.) (1986). L'étude des représentations sociales. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.

DOISE, W. (1990). Les représentations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet e J. F. Richard (Eds.) Traité de psychologie cognitive, Vol. 3: cognition, représentation, communication. Paris: Dunod.

DOISE, W., CLEMENCE, A. & LORENZI-CIOLDI, F. (1992) Représentations sociales et analyses de données. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

FONSECA, E. P. (1998). Representação social da insegurança: Crime e crise. Tese de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.

GAERTNER, S. L., DOVIDIO, J. F., NIER, J. A., WARD, C. M., BANKER, B. S. & PRENTICE, D. A. (1999). Across cultural divides: The value of a superordinate identity. In D. T. Miller (Ed.) Cultural divides: Understanding and overcoming group conflict. (pp. 173-212). Nova Iorque: Russell Sage Foundation.

GHIGLIONE, R., BEAUVOIS, J.-L., CHABROL, C. & TROGNON, A. (1980). Manuel d'analyse de contenu. Paris: Armand Colin.

HOFSTEDE, G. (1980). Culture's consequences. Beverly Hills, Ca: Sage.

JODELET, D. (Ed.) (1989) Les représentations sociales. Paris: PUF.

LE BOUEDEC, G. (1984) Contribution à la méthodologie d' étude des représentations sociales. Cahiers de Psychologie Cognitive, 4, 245-272.

LIÉGEOIS, J. P. (1979). Tsiganes nomades et pouvoirs publiques en France. Pluriel débat, 19, 969-988.

LIÉGEOIS, J. P. (1983). Tsiganes. Paris: Maspero.

MAMONTOFF, A. M. (1996). Intégration des gitans: Apports des représentations sociales. In J. C. Abric (Ed.) Exclusion sociale, insertion, prévention. Saint-Agne: Érès.

MARQUES, J. M. (1984) Das estruturas cognitivas ás representações sociais. Psicologia, 4, 239-250.

MARQUES, J. M., ABRAMS, D., PAEZ, D. & TABOADA, C. M. (1998). The role of categorization and ingroup norms in judgments of groups and their members. Journal of Personality and Social Psychology, 75, 976-988.

MARQUES, J. M., PAEZ, D. & ABRAMS, D. (1998). Social identity and intragroup differentiation as subjective social control. In S. Worchel, J. F. Morales, D. Paez e J.-C. Deschamps (Eds.) Social Identity: International perspectives. Nova Iorque: Sage.

MOGHADDAM, F. M. (1998). Social Psychology: Exploring universals across cultures. Nova Iorque: W. H. Freeman & Co.

MOSCOVICI S., MUGNY G., PÉREZ J.A. (1985). Les effets pervers du déni (par la majorité) des opinions d'une minorité. Bulletin de Psychologie, 38, 803-812.

MOSCOVICI, S. & PÉREZ, J.A. (1997). Prejudice and social representations. Papers on Social Representations.

MOSCOVICI, S. & PÉREZ, J.A. (1998). L'extraordinaire résistance des minorités à la pression des majorités: le cas des gitans. In J. Vala (Ed.) Racismos e Imigracao. Lisboa: Celta.

MOSCOVICI, S. (1976). La psychanalyse, son image et son public. Paris: PUF.

MOSCOVICI, S. (1988). Notes towards a description of social representations. European Journal of Social Psychology, 18, 211-250.

MOSCOVICI, S., MUGNY, G. & PÉREZ, J.A. (1991), Prologo. In: S. Moscovici, G. Mugny y J.A. Pérez (Eds), La influencia social inconsciente. Estudios de psicología social experimental. Barcelona: Anthropos.

MULLEN, B., ROZELL, D. & JOHNSON, C. (2000). Ethnophaulisms for ethnic immigrant groups: Cognitive representation of 'the minority' and 'the foreigner. Group-Processes-and-Intergroup-Relations, 3, 5-24.

PALMER, S. (1978) Fundamental Aspects of Cognitive Representations. In E. Rosch e B. Lloyd (Eds.) Cognition and Categorization. Nova Iorque: Wiley.

PÉREZ, J. A. (1998). Representaciones sociales sobre los gitanos. Un estudio comparativo por países. Valencia: Fundación Bancaixa.

PÉREZ, J.A. & MUGNY, G. (1993). Influences sociales. La théorie de l'élaboration du conflit. Neuchâtel: Delachaux-Niestlé.

POESCHL, G. (1992). L'Intelligence: Un concept à la recherche d'un sens. Thèse de Doctorat. Faculté de Psychologie et des Sciences de L'Education. Université de Genève.

POESCHL, G. (1999). Intelligence Masculine et Intelligence féminine. In B. Bril, P. Dasen, C. Sabatier & B. Krewer (Eds.), Propos sur l'enfant et l'adolescent: quels enfants pour quelle culture. Paris: L'Harmattan.

QUINTAS, J. A. (1997). Drogados e consumos de drogas: Análise das representações sociais. Tese de mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.

ROSENBERG, S., & SEDLACK, A. (1972). Structural representations of implicit personality theory. In L. Berkowitz (Ed.) Advances in Experimental Social Psychology, Vol. 6. Nova Iorque: Academic Press.

TAJFEL, H. (1978). Differentiation between social groups. Londres: Academic Press.

VALA, J., BRITO, R. & LOPES, D. (1999). O racismo flagrante e o racismo subtil em Portugal. In J. Vala (Ed.) Novos Racismos. Oeiras: Celta.

WILLIAMS, K. D., CHEUNG, C. K., & CHOI, W. (2000), Cyberostracism: Effects of being ignored over the Internet. Journal-of-Personality-and-Social-Psychology, 79, 748-762.

Colecção Olhares

01 PONTES PARA OUTRAS VIAGENS

Escola e comunidade cigana: representações recíprocas

Luiza Cortesão, Stephen Stoer, Maria José Casa-Nova, Rui Trindade

02 SAÚDE / DOENÇA É QUESTÃO DE CULTURA

Atitudes e comportamentos de saúde materna das mulheres ciganas em Portugal

Lúisa Ferreira da Silva

